

A imagem de N. S.^a da Nazaré percorrendo as ruas do Coentral

SERRA DA LOUSÃ - AGOSTO - 1956

COENTRAL,

terra de encantos

15 DE AGOSTO DE 1956

Publicação patrocinada conjuntamente pela
COMISSÃO DE CULTO e pela JUNTA DE FREGUESIA DO COENTRAL

Editor: DR. HERLANDER MACHADO

Redacção e Administração: COENTRAL GRANDE

Composto e impresso na Gráfica Santelmo, Lda. — Rua de S. Bernardo, 84 - Lisboa

SUMÁRIO

Editorial	2	Terra santa, amada e fecunda	13
Saudação	2	O Coentral em 1757	13
As nossas homenagens	3	Coentral, terra de encantos	14
D. Manuel Agostinho Barreto	4	O enclave de Cabinda	18
Através da freguesia	5	Terra de Emigrantes	19
Do Sonho à Realidade	6	Saudades da minha terra (poesia)	19
A nossa terra (poesia)	7	Certeza (poesia)	21
Juventude e Império	8	Agonia e morte da terra coentralense?	23
Recordando a inauguração da estrada	9	A festa da N. ^a Senhora da Nazaré	27
St. ^o António da Neve	10		
O que ficou por contar	11		
A Serra da Lousã numa carta	12		

EDITORIAL

O que nós pretendemos

O nosso aparecimento constitui um APELO entusiástico a todos os coentralenses que se orgulham da sua terra. Os nossos interesses são os do Coentral, terra de encantos mil, torrão bendito que viu nascer gerações laboriosas.

Esta publicação pretende ser uma enérgica afirmativa da presença de gente nova que não deixa fenecer um sublimado amor por este recanto serrano, onde a Natureza caprichou em distribuir beleza às mãos cheias.

GENTE DO COENTRAL, a vossa terra necessita do contributo de todos!

Vamos lançar o grito da revolução. Vamos empreender um vigoroso rejuvenescimento da nossa freguesia.

Não nos falece o ânimo, nem nos escasseia a vontade para a consecução dos nossos anseios.

O Coentral não deve agonizar. Os seus filhos não poderão permanecer inactivos, de braços caídos, frente ao declínio do torrão amado.

Impõe-se-nos uma atitude de reacção vigorosa, para empreender uma propaganda tenaz que possa motivar uma inoculação de seiva vivificadora no marasmo quotidiano em que se deixou cair a nossa terra.

Eis a razão da nossa vinda.

HERLANDER MACHADO

SAUDAÇÃO

Nada mais podendo fazer, porque o tempo escasseia assustadoramente, quero acudir à chamada, e trazer ao pequeno mundo coentralense, uma palavra, que sendo vulgar, tem por isso mesmo a possibilidade de ser aceite por todos.

Foi com justificado aplauso que recebi a ideia desta publicação. Formulei a propósito de lhe dar não só o apoio moral de que necessitasse, como também a adequada colaboração que desde logo me foi pedida. Infelizmente a esta não me foi possível corresponder como era meu desejo.

Quando por vezes uma terra parece estar desprovida de valores, os ventos do tempo, encarregam-se de soprar, e debaixo da cinza, que pelos ares se vai, vêem-se as brasas incandescentes dos valores que nunca se apagam. Como por encanto, essas brasas tornam-se estrelas, e do firmamento suspensas, são luz a projectar-se sobre a terra donde partiram. Eis a pequena freguesia do Coentral que alguém já chamou verdadeira terra de encanto... Um punhado de novos, de olhos fitos na sua terra, apesar dos rasgados horizontes que a vida moderna lhes apresenta, deseja valorizá-la, tornando-a conhecida como merece. Eu os saúdo, e se me permitem, ao pensar na terra que por natureza ou por adopção lhes pertence, contra todos os ventos do desânimo, sob qualquer aspecto considerado, ponho na sua frente este lema: «Avante, mais e melhor».

Sendo digno da melhor atenção este recanto, onde o silêncio, interrompido apenas pelo cantar da própria natureza, eleva as almas e dá repouso aos corpos, é também muito de louvar e assiste-lhe o estrito direito de não ser esquecida, a nobre atitude de quem tão dedicadamente se aproxima dos pequenos povos, para colher entre eles, a grandeza de ensinamentos de que o mundo precisa. Prossegui pois, essa nobilíssima tarefa de valorizar a vossa terra.

Quanto a mim, considero já subida honra, contar-me no número dos vossos colaboradores, embora o mais insignificante, e ao lado da saudação que vim trazer-vos, fica a expressão sincera da muita amizade.

Padre Arménio Marques

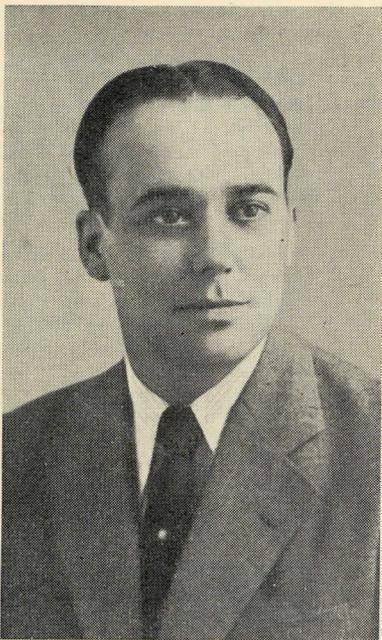
AS NOSSAS HOMENAGENS

Ao levar a cabo a publicação de «Coentral, Terra de Encantos» — esta pequena revista dedicada à Freguesia do Coentral que hoje aparece pela primeira vez — deixáramos a obra incompleta e faltáramos simultaneamente ao cumprimento de um dever se porventura omitíssemos as figuras ilustres daqueles que têm sobre os seus ombros a pesada responsabilidade de orientar os destinos do concelho a que nos honramos de pertencer.

Mas não! Jamais poderíamos esquecer quem, com excepcional dedicação e espírito de sacrifício, tão denodadamente vem trabalhando pelo progresso e bom nome do Concelho de Castanheira de Pêra.

E então surge-nos o nome ilustre do Ex.^{mo} Senhor Dr. Ernesto Marreca David, médico distinto e conceituado industrial, que em boa hora foi escolhido para a presidência do Município castanheirense, figura das mais prestigiosas no concelho a quem se deve já uma obra de excepcional grandeza e que continua incansavelmente a nobre missão de dotar Castanheira de Pêra e as povoações que lhe respeitam com os melhoramentos julgados indispensáveis ao seu desenvolvimento.

A acção do Sr. Dr. Marreca David na gerência dos negócios municipais foi, não há muito, alvo do reconhecimento público, traduzido numa significativa homenagem na qual o povo de todo o concelho veio patentear a Sua Ex.^a a sua admiração e respeito, e dizer-lhe um «Muito Obrigado» sincero por tudo quanto tem realizado em favor do bem-estar de toda a população.



Dr. Ernesto Marreca David
Presidente da Câmara Municipal
de Castanheira de Pêra

Na realização dessa obra, notável a todos os títulos, tem Sua Ex.^a contado com a valiosa e dedicada colaboração de outro grande castanheirense, o industrial Ex.^{mo} Senhor José Francisco Dinis Carvalheiro que, na qualidade de Vice-Presidente da Câmara Municipal e Administrador do Concelho, tem igualmente dado o melhor do seu esforço na resolução dos múltiplos problemas que respeitam a Castanheira de Pêra e seu concelho.

É, pois, digna dos maiores encômios a actividade que vem sendo desenvolvida pelos dois ilustres castanheirenses e cujos benefícios se têm feito sentir, não apenas na sede mas também nas diversas povoações da área municipal.

Ao inserirmos na nossa revista as fotografias de tão prestigiosos obreiros do engrandecimento do nosso concelho, cumprimos tão somente um acto de pura justiça que, embora aparentemente simples, representa a homenagem bem sincera do povo da Freguesia

do Coentral aos Dig.^{mos} Presidente e Vice-Presidente da nossa Câmara Municipal.

*

Aos restantes membros da Edilidade, União Nacional e demais autoridades do nosso concelho, dirigimos igualmente neste momento as mais calorosas saudações do povo coentralense.

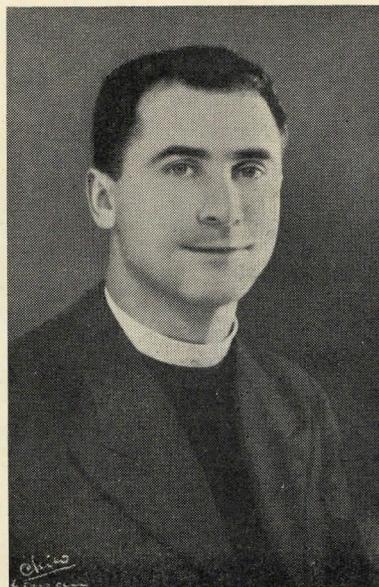


José Francisco Dinis Carvalheiro
Vice-Presidente da Câmara Municipal
de Castanheira de Pêra

Agradecimento

A publicação deste número só foi possível mercê do diletantismo e do contributo moral e material dos coentralenses espalhados por todo o mundo.

Vai para eles o nosso agradecimento, em nome da nossa terra.



PADRE ARMÉNIO MARQUES

Venerável figura de sacerdote que goza das maiores simpatias no meio coentralense

Durante 34 anos governou a diocese do Funchal, tendo sido anteriormente cónego na Sé de Lamego, professor de ciências eclesiásticas no Seminário, Bacharel formado na sagrada Teologia pela Universidade de Coimbra, desde 1858. Professor de ciências eclesiásticas no Seminário de Lamego, desde 1864; cónego na Sé, desde 1866; Provisor e Vigário Geral do Bispado, desde 1868; prelado doméstico de Sua Santidade desde 1870, foi por Sua Majestade El-Rei D. Luís I apresentado Bispo do Funchal por decreto de 8 de Junho de 1876, e sendo aceite pelo Sumo Pontífice Pio IX, foi confirmado no Consistório de 29 de Setembro do mesmo ano. Prestado o juramento do estilo na Nunciatura Apostólica e Secretaria dos Negócios eclesiásticos, em Novembro nomeou governador do Bispado, por provisão de 16 de Dezembro, o cónego João Frederico Nunes, que



D. MANUEL AGOSTINHO BARRETO
Bispo do Funchal

era Vigário capitular e constituiu seu Procurador para tomar posse da diocese o cónego Alfredo César de Oliveira, que era Vigário Geral em Sé vaga, a qual foi tomada pelo mesmo em 26 de Dezembro.

A 4 de Fevereiro do ano de 1877 era sagrado na Basílica do Santíssimo Coração de Jesus à Estrela, em Lisboa, sendo bispo sagrante o Ex.^{mo} Arcebispo de Mitilene, D. António José de Freitas Honorato, que fora seu Lente na Universidade e assistentes o Ex.^{mos} Bispos de Bragança e Miranda, D. José Maria Ferrão de Carvalho Martens, e resignatário de Angola D. José Lino de Oliveira.

Partindo de Lisboa a bordo do vapor Luso, em 20 de Fevereiro, aportou ao Funchal na tarde de 22, tomando posse da real Diocese e fazendo sua entrada solene no domingo imediato.

EM 1955 FOI INAUGURADA UMA LÁPIDA COMEMORATIVA NA CASA ONDE NASCEU D. MANUEL AGOSTINHO BARRETO, QUE FOI BISPO DO FUNCHAL



filho do Coentral, DOM MANUEL AGOSTINHO BARRETO merece a veneração dos coentralenses

Quando o Coentral Grande homenageou a memória de Dom Manuel Agostinho Barreto, figura notável da Igreja portuguesa, que muito honrou a sua terra, mercê de uma vida de sacerdócio devotadíssimo e de uma talentosa carreira religiosa que culminou no Funchal, onde deixou bem viva a melhor recordação, os coentralenses patentearam de forma eloquente o muito que sabem respeitar as figuras alcañoradas por méritos próprios a um plano superior.

O Coentral conserva nos corações dos seus filhos um preito de admiração e de saudade por essa individualidade vultuosa da nossa Igreja, Bispo do Funchal, filho dilecto e orgulho da sua e nossa terra.

Não pode esta publicação deixar de evocar comovidamente a excelsa personalidade que tanto honrou o povoado que o viu nascer.

H. M.



Do «Diário de Notícias» da Ilha da Madeira transcrevemos a seguinte carta do Sr. Dr. Ivo Pereira, por nos parecer de grande interesse e de esclarecida justiça para com a memória de D. Manuel Agostinho Barreto.

Sr. Director do «Diário de Notícias»

Meu querido amigo:

Depois de uma doença que me reteve de cama durante alguns dias e que teria, certamente, graves consequências, se não fora a rápida intervenção dos meus ilustres amigos e abalizados clínicos, srs. drs. Leite Monteiro e Américo Durão, sinto que vou melhorando um pouco, agora, que já estou de pé, e posso ler alguma cousa, especialmente nos jornais diários da nossa terra.

Num deles li que, na freguesia e vila de Castanheira de Pera, comarca de Figueiró dos Vinhos, fora colocada uma lápida na casa onde nasceu o senhor D. Manuel Agostinho Barreto, assistindo a esse acto várias entidades oficiais e religiosas e o seu sobrinho, o distinto professor da Faculdade de Medicina de Coimbra sr. Dr. Bissaia Barreto, colocação, essa que, se não estou em erro, foi para comemorar o centenário do nascimento daquele grande Bispo. Lembrei-me, então, do meu querido e saudoso amigo senhor D. Manuel Agostinho Barreto, figura exemplarmente culta e virtuosa, de grande autoridade e fervor de espirito, que durante 34 anos exerceu as suas funções como bispo desta Diocese, a contento de toda a gente.

Foi um grande apóstolo, conferencista e orador sagrado, astro de primeira grandeza, que com a sua inteligência e palavra fluente a todos os que o ouviam empolgava.

Tremenda luta travou com os inimigos da Igreja logo no início do exercício das suas altas funções nesta cidade, mas a todos levou de vencida, porque aliado à sua excelsa inteligência era possuidor dum bom coração, dum boa alma, cativando aqueles com quem privava, que dele se despediam sempre com uma grande saudade.

Privei várias vezes de perto com ele e tive ocasião de presenciar quão grande era o seu coração, e quão amigo era do seu clero, a quem estimava sobremaneira.

A sua vida era um espelho de virtudes, que podia servir de exemplo a muitos, e a sua passadia na sua casa da Penha de França era o mais frugal possível.

Pai amantíssimo do seu clero e dos seus seminaristas todo o seu desejo era que eles fossem bons padres e exemplares para bem do povo e glória de Deus e que possuíssem o mínimo de conforto para seu bem-estar.

Morreu pobre, porque todas as economias que conseguiu arranjar, enterrou-as no seminário que mandou construir à sua custa na Calçada da Encarnação, hoje pertença da Diocese, a quem tanto queria.

Parte do ano lá passava, celebrando a missa todos os dias, para os seus seminaristas, de manhã cedo.

Que grande figura da Igreja, a quem a Madeira tanto deve e ainda não lhe mostrou o seu reconhecimento pelo muito bem que fez. Mas nunca é tarde para se patentear a nossa gratidão àqueles que a merecem; por isso lembrei-me que se deveria erigir uma estátua ou colocar um busto do eminente Prelado à entrada do Seminário da Encarnação, devendo para tanto organizar-se uma comissão.

Como Juiz desde já condenaria Sua Ex.^{sa} Rev.^{ma} o Sr. D. António, nosso amantíssimo bispo, para com o cabido, fazerem parte dela e sem demoras meterem mãos à obra.

Praza a Deus que eu ainda possa ver isso.
Funchal, 7 de Setembro de 1955.

IVO PEREIRA
Juiz de Direito

(Transcrito do «Diário de Notícias» da Madeira, de 9 de Setembro de 1955).

CÓPIA DO TERMO DE BAPTISMO

Aos 12 dias do mês de Dezembro de 1835 neste lugar do Coentral Grande, perante mim Delegado da Presidência do Concelho de Pedrógão Grande, compareceu José Agostinho Barreto do dito lugar, com um bilhete do R.^{mo} Pároco da freguesia do Coentral, Bispado de Coimbra em que declara que no mesmo dia baptizou solenemente Manuel, nascido a 7 do dito mês. Filho legítimo de José Agostinho Barreto, natural do Coentral da Cruz e de Maria Barreto natural do Coentral Grande, ambos da freguesia do Coentral; neto paterno de Sebastião Agostinho, natural do Coentral da Cruz e de Isabel Barreto, natural do Coentral Grande, sendo ambos da freguesia do Coentral; materno de Josefa Barreto, natural do Coentral Grande, de avô incógnito. Foram padrinhos, Manuel Henrique Pimentel, natural do Coentral do Fojo e Ana Barreto solteira, natural do Coentral da Cruz, ambos da freguesia do Coentral; foram testemunhas Joaquim Agostinho, natural do Coentral da Cruz e Manuel Caetano, natural do Coentral Grande, ambos desta freguesia do Coentral.

Seguem as assinaturas.

ATRAVÉS da FREGUESIA

É relativamente pequena a área abrangida pela Freguesia do Coentral, pois apenas se compõe das seguintes povoações: Coentral Grande (que é a sede); Coentral da Cruz; Coentral das Barreiras; Coentral do Fojo; Camelo e Carriçal.

Apesar de pequena, ela conta no entanto como um elemento marcante na escala dos valores que informam o nosso concelho, pelo seu aspecto turístico, relativo desenvolvimento industrial e comercial e, sobretudo, porque é povoada por gente ordeira, trabalhadora e hospitaleira.

De fundação muito antiga, a freguesia do Coentral tem na verdade constituído desde sempre um nobre exemplo por essas boas qualidades dos seus filhos, aliadas à sua formação bairrista e ao princípio de sã união que sempre imperou no íntimo de cada um deles.

Onde quer que vivessem, os coentralenses não hesitavam nunca em sujeitarem-se aos trabalhos mais duros para poderem garantir a sua subsistência e dos seus, vivendo com dignidade. Por isso, quer em Lisboa onde a maioria empregava a sua actividade, quer em terras de África, do Brasil ou América do Norte, a colaboração do coentralense, por leal e activa, era sempre desejada por quantos careciam dos seus serviços.

Com muitos sacrifícios, mas com altivez, iam governando a vida. A breve trecho chamavam para junto de si os parentes, ou os amigos, que enfileiravam a seu lado na conquista dos recursos indispensáveis à sua

manutenção e dos que haviam deixado na terra distante.

Algun mais arrojado, procurava estabelecer um negócio próprio, e era esse natu-

por ALVES BARATA

ralmente o que melhor protecção vinha oferecer aos seus conterrâneos, proporcionando-lhes ocupação, às vezes dando-lhes parte nos interesses da sua actividade.

Dessa colaboração íntima e fraternal entre os coentralenses que, longe da família e da sua terra tinham praticamente os mesmos anseios, ressurgia esse Bairrismo hereditário, instituído por aquele punhado de rijos coentralenses que um dia foram até Coimbra a empenhar os bens que possuíam para obtenção dos recursos necessários à construção da Igreja — melhoramento sem o qual a sua terra não poderia vir a ser sede da freguesia.

Tendo em mente esse belo exemplo dos seus antepassados, todos se empenhavam em dar a sua contribuição para o engrandecimento da freguesia. E, como consequência lógica desse magnífico conjunto de boas-vontades, apoiadas pelos meios oficiais nalguns empreendimentos de maior vulto, o Coentral foi progredindo.

Assim, alargaram-se as principais artérias da sede; procedeu-se à captação e canalização de águas para abastecimento da população; abriu-se uma estrada para ligação da freguesia ao resto do mundo (1932);

aparece a energia eléctrica a inundar de luz e conforto o lar dos seus habitantes e a dar vida à sua indústria (por volta de 1929); consegue-se a construção de um novo cemitério em local mais apropriado (cerca de 1920), etc.

De entre os melhoramentos enumerados, onde o bairrismo dos coentralenses mais se evidenciou pela importância do empreendimento e o grande interesse que a sua realização representava para a freguesia, pode dizer-se que foi na construção do ramal de estrada que ainda hoje é a única via macadamizada que nos põe em ligação com a sede do concelho e todo o país.

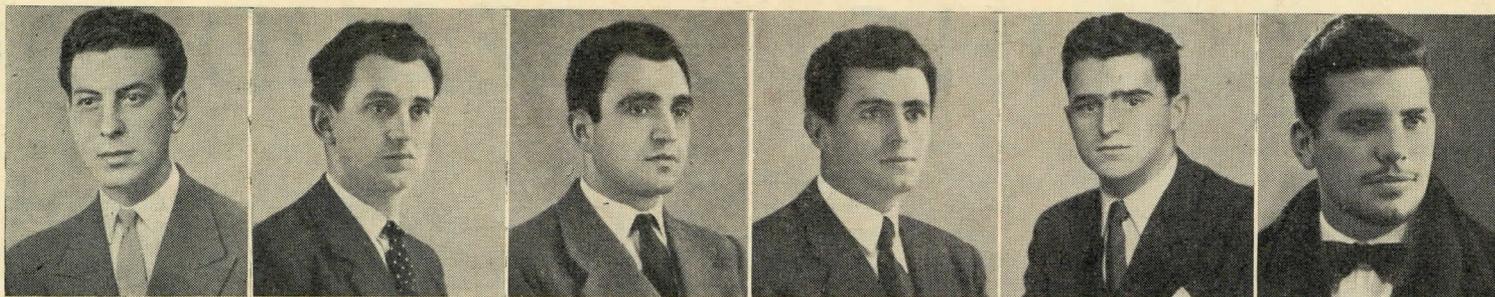
Efectivamente, se na obtenção de todos os outros melhoramentos a actuação dos coentralenses foi efectiva e brilhante, no que respeita à abertura da estrada a sua acção excedeu quanto se poderia esperar de um povo com os recursos materiais do povo da nossa terra.

São inúmeros os factos que atestam a união e bairrismo da gente desta terra, desde que o Coentral foi fundado até aos nossos dias. E essa união e esse bairrismo tão notórios, continuam, felizmente, a afirmarem-se de forma bem definida, para bem da nossa Terra e honra da tradição.

Os Quatro Coentrais

Separadas por pequenas distâncias entre si, as quatro povoações: Coentral Grande e Coentral da Cruz; Coentral das Barreiras e Coentral do Fojo, vivem em comunhão de interesses e perfeitas relações de boa vizinhança.

(Continua na pág. 20)



Dr. Herlander Alves Machado

José Alves Barata

Joaquim Alves Barata

Manuel Alves Barata

Francisco Alves Barata

Jorge Pimentel Ladeira

A COMIÃO
ORGANIZADORA
de
COENTRAL,
terra de encantos



Dr. Manuel Nunes Barata

Dr. António Medeiros Galvão

Manuel Louzã Henriques

José Antunes de Almeida

Rui Simões Bento

ALVES BARATA escreveu:

Sai hoje o jornal do Coentral.

Esta modesta, mas linda e laboriosa terra serrana, conta agora, pela primeira vez na sua vida, com uma publicação própria, destinada à defesa dos interesses da freguesia dentro daquele espírito de rectidão e de justiça, tão característico da gente coentralense.

Não é um jornal de larga tiragem, feito com requintes de luxo, mas apenas uma modesta revista, como modestos são também a vida e os recursos da nossa terra. Entretanto, a pequena revista que ora surge terá para os coentralenses, qualquer que seja a parcela do mundo onde estejam vivendo, um cunho especial, colocando-se num lugar à parte entre todas as publicações que se lhes apresente porque ela, trazendo notícias da sua terra, fala-lhes à alma e ao coração, porque, numa palavra: é coentralense.

Quando se divulgou a ideia de fazer sair uma publicação alusiva à nossa freguesia, o espírito dos coentralenses exultou profundamente, como era de esperar. Surgia mais um movimento de renovação nesta terra de tão belas tradições, tendente à elevação do prestígio de que sempre gozou e a solidarizar os laços de amizade existentes entre todos os seus filhos, estimulando o seu amor pela terra onde nasceram.

Por isso a iniciativa foi acarinhada como merecia, não apenas pelos nossos conterrâneos mas também por alguns que, não sendo do Coentral, dedicam contudo a sua simpatia e amizade a tudo quanto é coentralense.

A subscrição aberta para fazer face às despesas da revista obteve o melhor êxito, e a colaboração e apoio das autoridades locais não nos foi regateada. Encontrámos espíritos animados de vontade de servir entre os nossos conterrâneos, e pudemos contar com a gentileza de bons amigos que quizeram igualmente colaborar numa obra refe-

estivesse à altura de empreender com êxito uma tal publicação.

Foi o Dr. Herlander Alves Machado o precursor e animador da empresa cuja realização, aliás, desde há bastante tempo vinha acalentando no seu espírito.

De ascendência coentralense, embora lisboeta por nascimento, o Dr. Herlander Machado é coentralense pelo sangue e pela extraordinária amizade que desde os primeiros anos da sua vida vem consagrando a tudo quanto ao Coentral diz respeito.

Assim, já um dia me havia transmitido o desejo que alimentava de trazer à luz da publicidade um pequeno jornal onde os problemas da terra coentralense pudessem surgir em toda a sua amplitude, procurando, ao mesmo tempo, estreitar mais ainda os já fraternais laços que unem entre si os membros da família coentralense, dispersos pelos quatro cantos do Globo.

Decorreu talvez meia dúzia de anos sobre essa data. Mas no espírito do Dr. Herlander Machado não arrefecera o entusiasmo com que a ideia brotara. E, em princípios do corrente ano, ele vem encarar o projecto em termos definitivos.

Escreve-nos a dar conta do seu plano e, num rasgo de nobre modéstia, tão característico do seu magnânimo temperamento, pede-nos a nossa pobre opinião acerca do mesmo, solicitando que, como pessoa que vive no meio, lhe fale com franqueza se a ideia nos não seduzir, pois — afirma — «poderá ser que eu esteja a viver uma utopia».

Nós, que desde há alguns anos a esta parte vimos procurando fazer a necessária propaganda do Coentral e da sua gente, tendo sempre em mira apenas e tão somente o progresso e bom nome da nossa terra, não poderíamos ficar indiferentes perante tão laudável ideia. Cumpramos antes apoiá-la

a caminho do êxito. Estava finalmente transformado em realidade aquilo que inicialmente surgira como um sonho.

OBJECTIVOS QUE PROCURAMOS

Ao promover a publicação de «Coentral, Terra de Encantos» um único fim temos em vista: Defender os interesses da Freguesia do Coentral, dando deste modo a nossa contribuição para o bem-estar e progresso da sua gente. E é tudo.

Na missão que incumbirá à nossa revista está naturalmente implícito: Promover a necessária propaganda da nossa terra, focando as belezas naturais que a adornam e as virtudes da sua gente; fazer eco das principais aspirações da freguesia, procurando conseguir a atenção das entidades oficiais para a sua realização; diligenciar no sentido de reunir, num largo amplexo de solidariedade e mútua compreensão, todos os nossos conterrâneos, fazendo despertar esse velho e inconfundível Bairrismo Coentralense para que, uma vez mais, ele possa dar provas do seu valor, a bem do desenvolvimento da Nossa Terra.

Se é verdade que o Coentral tem progredido nas últimas décadas, podendo contar já hoje com alguns importantes melhoramentos que oferecem inegáveis benefícios à sua população, não é menos certo que a nossa terra está longe ainda de possuir aquele mínimo de condições que reúnem muitas terras de província de idêntica categoria, e que fazem muita falta para que nela se possa viver um tanto mais à vontade — com um pouco menos de privações e sacrifícios.

É por isso que não se pode prescindir do auxílio dos Poderes Públicos e da dedicação de todos os coentralenses, pois só assim será possível obter, gradualmente, o que ora

DO SONHO À REALIDADE

rente a uma terra que não era a sua, mas merecia da sua simpatia pelo alcance revestido.

Mercê a colaboração e auxílio de todos, foi possível vencer as dificuldades que se nos depararam e converter em realidade o que a princípio poderia talvez parecer mera conjectura de inexperientes.

COMO NASCEU A IDEIA

Não poderia caber, dentro das limitadas aspirações de quem estas linhas escreve, a iniciativa de publicar no Coentral um jornal próprio, exclusivamente destinado à defesa dos interesses da freguesia.

Essa iniciativa, aliás um tanto arrojada num meio de tão exíguos recursos como o nosso, tinha inevitavelmente de pertencer a quem, pela sua cultura, dotes de inteligência e alguma experiência da modalidade,

com todas as forças que nos assistem para que pudesse vingar; e assim procurámos fazer.

Constituíam-se entretanto as Comissões necessárias ao fim em vista: as de patrocínio e a que devia tratar efectivamente das minúcias do jornal, todas se desempenhando cabalmente das suas missões.

O Dr. Herlander Machado, a despeito da intensa actividade da sua vida que mal lhe deixa tempo para o indispensável repouso, não esquece, por um momento que seja, a empresa a que metera ombros. Nada detém a sua grande vontade de ser útil ao Coentral.

«Se vierem as desilusões — dizia-nos a certa altura — só desistiremos quando soar o «gong» dos vencidos».

A sua tenacidade e entusiasmo contagiaram-nos desde a primeira hora, com aliás a todos os membros das Comissões constituídas, e a ideia tomou corpo, robusteceu-se,

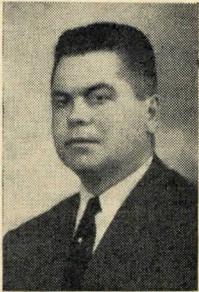
constitui as mais legítimas aspirações desta Freguesia.

A publicação da revista coentralense surge, portanto, como uma medida assaz acertada que em muito virá beneficiar a nossa terra e que por isso há-de continuar a merecer, da parte de todos os nossos conterrâneos, o melhor do seu entusiasmo e carinho.

«Coentral, Terra de Encantos», pertence a todos os naturais desta freguesia e amigos da nossa terra; e as suas páginas — escusado seria dizê-lo — estão à disposição de quantos nelas desejem colaborar, tratando assuntos que, de qualquer modo, revistam interesse para esta terra ou região, tendentes à sua valorização e prestígio.

Será essa a missão da nossa revista. Que ela possa ser cumprida integralmente — eis o que todos nós, coentralenses, do coração desejamos.

COENTRALENSES AO SERVIÇO DO COENTRAL



António Lopes Ladeira
[da Junta de Freguesia]



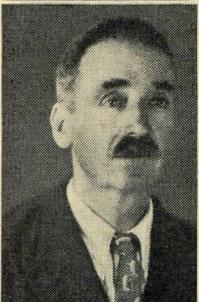
Francisco Simões Claro
[da Junta de Freguesia]



Manuel Alves Barata
[da Junta de Freguesia]



Joaquim Lopes de Carvalho
[da Comissão de Culto]



José Ferreira
[da Comissão de Culto]



Manuel Alves Júnior
[Regedor da Freguesia]

A NOSSA TERRA

por Joaquim Alves Barata

*Coentral, terra pequenina,
Mas que tem um raro encanto
Mesmo quando na invernia
Cai de neve um alvo manto.*

*Sei que 'stá quase isolada
Nas faldas lindas da Louzã
Por estar assim retirada
A vida de cá é mais sã.*

*E os seus ares são puríssimos
Melhores não podendo haver;
Suas águas são finíssimas,
Ou p'ra banhos, ou p'ra beber.*

*Quando aporta a Primavera,
Quando o frio desaparece,
Chega-nos uma nova era,
Tudo, então, rejuvenesce.*

*Carregam-se os castanheiros
E há videiras nas latadas;
Florescem vales e outeiros
E as serras são perfumadas.*

*As aves entoam seus cantos
Bem louvando a Natureza
Que desvanecem por instantes
Em cada peito a tristeza.*

*As ribeiras e os ribeiros
Descrevem curvas graciosas
Bordados por entre salgueiros
E fragas muito escabrosas.*

*Uma, de tradições já velhas,
«Entre-as-Águas desagua;
É mesmo ao fundo das «Quelhas»
Que o célebre «Poio» se situa.*

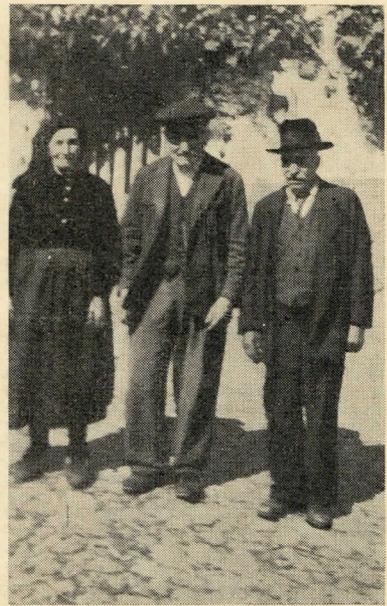
*Pratica-se ali o nudismo
Em dias de forte calor
Dá-nos forças e optimismo
Recanto de grande valor.*

*Eis o milho embandeirado,
Os verdes batatais em flor
Constituem um lindo quadro.
Ah! — Se eu nascera pintor...*

*Não param aqui os encantos
Que rodeiam o Coentral,
Pois eles são tantos e tantos...
Não caberiam num jornal.*

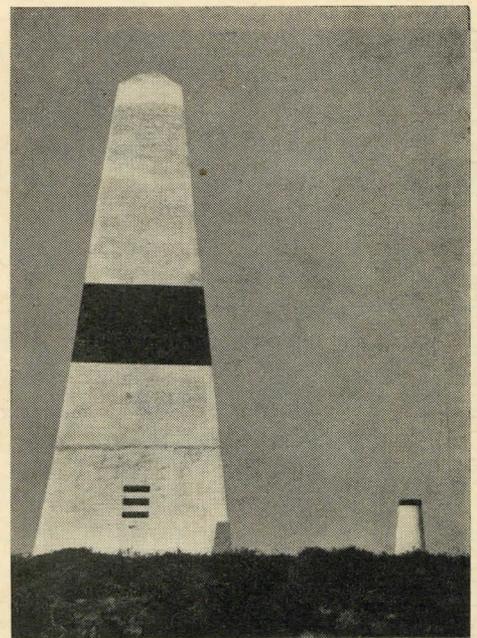
*Minha terra abençoada,
Há beleza em teus recantos.
Tens posição já marcada:
— Coentral, Terra de Encantos!*

ANDARAM NO TRANSPORTE DA NEVE PARA OS POÇOS DE SANTO ANTÓNIO



Eis os três únicos sobreviventes
dessa época remota

São eles: Maria Lopes Miranda (88
anos), José Lopes Agostinho (82
anos) e Manuel Barata (84 anos)



O MARCO GEODÉSICO DE TREVIM
1204 metros de altitude

JUVENTUDE E IMPÉRIO

pelo Dr. MANUEL NUNES BARATA

A ideia da nossa situação de Nação Imperial no sentido passivo e colonizador do termo, tem sido ultimamente agitada, depois de um longo período de adormecimento que nem os diplomatas renovadores, já lançados no actual regime, fizeram inteiramente acordar.

Por volta de 1944 os estudantes das Províncias Ultramarinas que andavam dispersos pelos Centros Universitários, resolveram agrupar-se e formaram a sua casa e nela começaram a trabalhar. A feição de quem logo a dirigiu imprimiu-se a ela um ritmo, por vezes excessivamente vivo, e dentro das suas modestas mas salutaras realizações teve lugar uma propaganda prática da ideia Imperial, sobretudo junto das camadas Universitárias e na gente dos nossos campos.

Não me posso esquecer do interesse e atenção quase religiosos, com que mais de 400 trabalhadores rurais, no vasto salão da Casa do Povo de Rio Maior, ouviu um dia, um camarada nosso (hoje advogado numa comarca de Angola), falar-lhe dos costumes da raça negra que habitava determinada região africana; dos processos adoptados pela nossa administração para a trazer para o lado dos nossos hábitos; e — o que muito os interessou — a maneira como em África viviam ou deviam viver a gente das nossas aldeias se decidisse largar para as terras de África. Evidentemente, que não se explicava, — porque isso não era compreensível à sua instrução — o que o Estado devia fazer no preparo do ambiente à sua instalação e na doação de uma instrução base, que podia talvez começar na Escola Primária mas que devia com certeza realizar-se no Ensino Médio, de uma maneira racional e efectiva a que se imprimisse todo o possível sentido prático, que lhes lograsse encarar o novo meio sem hesitações e desalentos.

O longo período da guerra quase fez paralisar o ritmo que se vinha desenvolvendo do escoamento do nosso excesso populacional para a África, e no ano de 1945, logo que as circunstâncias o permitiram, aquele ritmo acelerou de tal modo, traduzido por números bem expressivos que nos escusamos de enunciar.

Mas, se as razões deste aumento são devidas principalmente ao factor essencial que apontei e às disposições oficiais sobre o assunto, não é menos certo que muito contribuiu para aquele aumento, o interesse e a propaganda viva desencadeada pela gente nova no incitamento da Nação para o Ultramar. E muitos não fizeram só propaganda; pegaram nos guilhões, aqueles que nas nossas marchas vigorosas nos abriam os caminhos e sulcando-os de novo, deram o exemplo, largando a caminho do Ultramar.

É o «escoamento forçosamente necessário» de um povo que vem aumentando em pro-

porções invulgares, quando em outros países, porventura de maiores recursos económicos, se limitam a assistir impávidos e serenos a toda a espécie de processos no retrocesso e no estancamento das populações.

Porém, «escoamento forçosamente necessário» tem de ser, se não puxado para o lado de um intervencionismo puramente estadual, pelo menos amparado por um auto-dirigismo, racionalmente estudado, de modo a permitir e facilitar aquele e fazendo com que todos os que se decidirem pela procura de melhores condições de vida no Ultramar, o façam com a convicção, ou pelo menos, com a esperança de um êxito, não digo fácil mas ao menos certo ou assegurado.

Há quem opine que o colono ao dirigir-se para o Ultramar não deve pensar num nível superior de vida àquele que disfruta na Metrópole. Salvo o devido respeito por esta opinião, aliás defendida por pessoas eminentes em ciências coloniais, a quem devo todo o respeito e admiração pelo muito que me ensinaram e pelo pouco que aprendi, parece-me que se deve orientar a propaganda colonial justamente no sentido de fazer ver que os colonos, seja qual for a actividade a que se forem dedicar, irão para uma vida melhor. O contrário é fantasia e as fantasias sonham-se mas não se podem transformar em realidades.

Evidentemente, que do ponto de vista a que nos queremos referir, — o de uma vida melhor — o conceito é muito subjectivo: não falando já de muitos homens maus (e quando digo maus, quero dizer moralmente desonestos), que por lá pontificam em lugares de destaque, quer no meio oficial quer no particular, há indivíduos que resolvem ir para a África para matar desgostos ou por simples temperamento de aventura sem finalidade. Aqueles podem interessar episódicamente, estes, embora vão sendo raros, não interessam mesmo e desservem a finalidade colonizadora.

Filho de um velho colono que por lá andou cerca de 50 anos e neto e sobrinho de outros que por lá deixaram a vida, trabalhando — como lá se trabalha — sem que tenham angariado outra fortuna, senão as benfeitorias que por lá deixaram em casas e caminhos; no ensinamento do indígena cuja civilização viram progredir desde recuadas épocas até hoje em que o preto ali atingiu, porventura, o máximo de civilização, na nossa colónia de Angola; nos cursos de águas abertas à navegação fácil; nas relações com estabelecimentos estrangeiros dos quais mais tarde nos emancipámos; na administração e justiça em que muitas vezes foram chamados a colaborar; na larga e voluntária comparticipação material e moral em todos os melhoramentos públicos; na ocupa-

ção de territórios que testemunharam; na experiência aproveitada, enfim; eu posso afirmar que, apesar de tudo, o nível de vida deles e o meu melhorou muito, o que, por certo, não aconteceria ou aconteceria em menor grau, se se deixassem ficar lá pela aldeia da serra onde nasceram. Isto para provar que é legítimo supor e considerar um nível de vida melhor para o colono que busca as terras de África.

Há muito que está formada a ideia de que somos naturalmente um país imperial, portanto, é preciso que a Nação possa agir como tal. Não nos pode restar dúvidas que, efectivamente, já hoje existe aquela mentalidade na medida em que ela é possível, mas o que é preciso, agora, é praticá-la e

prosseguir no caminho das realidades e das muitas «pequenas grandes obras» que ainda faltam no Ultramar.

Depois da ocupação militar e missionária, depois da ocupação económica e política é absolutamente necessária a ocupação moral do Ultramar.

Felizmente que toda a obra da Revolução Nacional se desenvolve na formação e no fortalecimento da consciência imperial.

Obra educativa por excelência, feita para o futuro, nela nos cabe uma posição de alerta. O estudo e o pensamento, há-de continuar a interessar a nossa geração preparando-a com aquele entusiasmo que bebemos no espírito na Mocidade Portuguesa.

(Conclui na pág. 27)

Os Mercados de Lisboa e os coentralenses

por MANUEL CARVALHO

Quem passar, à tardinha, pela praça da Ribeira, decerto ficará surpreendido com o ambiente. Das 2 horas da tarde em diante, tudo é calmo e sossegado. Tudo dorme um sono tranquilo em paz e sossego. Descanso bem merecido. Quem não conheça, terá a impressão de que ali, sempre se respira esse mesmo ar recatado.

No entanto, não é assim. De madrugada, ainda o sol demora muito a despontar, já ali se trabalha bastante. Desde as 2 da madrugada que o mercado está aberto. Um bom observador, ficará maravilhado com o que vê:

Carroças e mais carroças, de todos os tamanhos e feitios, camionetas grandes e pequenas, desde há bastantes horas que vêm andando por essas estradas fora, saídas de casa ainda com sol, para lá chegarem perto daquela hora. Aqui é uma carrocinha, que lembra um canteiro, cheia de cenouras; ali, outra, carregada de nabos da cor da neve; além outra, com couves e é um nunca mais acabar de veículos, todos cheios, que ali deixam o seu conteúdo.

Estes carros vêm de todos os pontos do país. De norte a sul, de leste a oeste, tudo ali se concentra. São nabos do Porto, favas e feijões do Algarve, tudo, de muito longe e de muito perto.

Quando ali chegam, é uma roda viva de pessoas, descarregando, arrumando, cada uma com a sua missão a cumprir.

As 6 horas abre o mercado, atingindo o seu auge.

Então, já a praça lembra um autêntico jardim. Há ali de todas as cores. São toma-

tes, encarnados como papoilas, são alfaces verde-brancas, são repolhos que mais parecem rosas enormes, enfim, todo este conjunto, mais parece um canteiro gigantesco, que um jardineiro genial tivesse caprichado ornamentar a seu modo.

Aberto o mercado, entra o público, que imediatamente tudo alaga na sua avalanche. E o negócio começa.

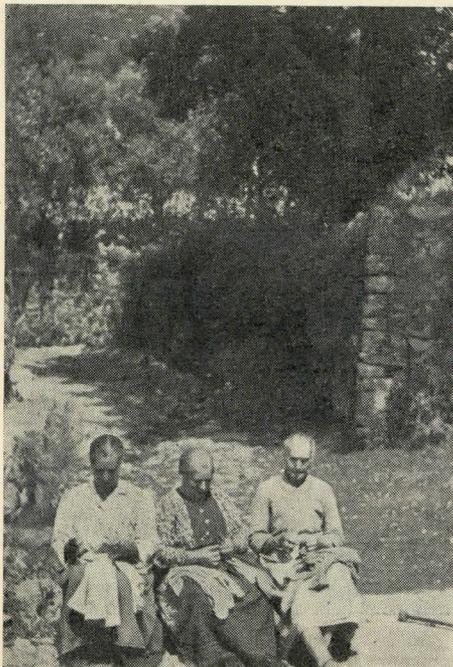
Aqui é uma vendedeira, velhota, sentada numa caixa, tendo couves por todos os lados. Ali é outra com nabos até aos joelhos. Mais além é um velhote, mãos calejadas, rosto prazenteiro, que mostra alfaces, outivadas com o maior carinho e que afiança serem as melhores. E de todos os lados, só se vêm montes e montes de verdura.

Entretanto, os compradores parecem formigas. Aparecem por todos os lados. Vê-se uma cabeça por cima das couves, regateando o preço. Mais ao lado, um par de mãos tacteiam nos grelos, procurando os mais tenros, e ao mesmo tempo, duzentas, trezentas pessoas falam, gritam, gesticulam e praguejam com actores de uma cena que todos os dias se repete, a par de uma sinfonia de pregões e gritos que ao mesmo tempo assusta e encanta.

É lindo. É bonito de se ver, todo este movimento colorido e buliçoso.

E assim, uns dum modo outros doutro, todos fazem a sua venda, manhã fora, até que tudo vai desaparecendo, as vozes vão-se apagando, até recair naquele silêncio da tardinha, que nos dá a impressão de que a praça dorme.

(Conclui na pág. 27)



As mulheres coentralenses ocupam os seus momentos livres no acabamento manual das meias



Um aspecto do Coentral da Cruz



Coentral das Barreiras (vista do Vale)



O «Centro» é um espaçoso salão onde aos domingos há bailaricos — quando há rapazes

a inauguração da estrada...

«Coentral, terra de encantos» tem o prazer de proporcionar às novas gerações uma evocação dum acontecimento importante para a nossa freguesia, ocorrido em 3 de Janeiro de 1932.

Creemos que esta rememoração irá não só suscitar entusiasmo vivificador na juventude dos nossos dias, como enternecer os jovens de 1932 que se recordarão, com saudade, desse dia distante em que o Coentral viu inaugurada com solenidade marcante a estrada que o põs em ligação directa com o resto do País.

Do jornal «A Comarca de Arganil», de 5 de Janeiro de 1932, transcrevemos a reportagem da inauguração da nossa estrada:

H. M.

UM POVO EM FESTA:

Para a laboriosa e importante freguesia do Coentral Grande, concelho de Castanheira de Pera, foi de festa a dia de ante-onhem, e festa bem justificada, pois inaugurou solenemente, no meio das mais estrondosas manifestações de regosio, o ramal de estrada que agora a fica ligando a sede do concelho e consequentemente à rede geral do país.

Do júbilo do povo do Coentral pode dizer-se que compartilhou todo o concelho de Castanheira de Pera, que em massa compareceu a associar-se às manifestações de entusiasmo levadas a efeito.

O ilustre governador civil do distrito, sr. dr. Manuel José Ribeiro Ferreira, veio também com a sua presença dar o maior brilhantismo ao acto solene da inauguração desta estrada, o qual, pode dizer-se afoitamente, constituiu um verdadeiro acontecimento.

A «Comarca de Arganil», a quem o progresso da região central do país, em que exerce a sua acção, merece um especial carinho e atenção, associa-se também, jubilosa e entusiasticamente, à alegria e satisfação que neste momento invade os corações de todos os coentralenses, por verem convertida numa consoladora realidade a sua velha aspiração, o seu sonho dourado de há tantos anos.

AO SR. GOVERNADOR CIVIL SÃO DADAS AS BOAS VINDAS NA CÂMARA MUNICIPAL

A chegada do sr. governador civil a Castanheira de Pera, estava marcada, como este jornal prenunciara, para as 14 horas.

A Praça Visconde de Nova Granada, onde se acham instalados os belos Paços do Concelho e onde serão dadas as boas-vindas ao ilustre chefe do distrito, começam acorrendo as pessoas de mais representação na vida do concelho.

Vêm-se ali, a aguardar a sua chegada, os srs. ddr. Marcolino da Silva, presidente da Câmara e administrador do concelho; Albano Diniz e Alberto da Encarnação Coelho, vereadores efectivos; António Lourenço de Carvalho, Eduardo Rodrigues Correia e João Rodrigues Júnior, vogais substitutos.

Outras pessoas de categoria e muito povo inundam por completo a espaçosa praça.

A Filarmónica Castanheirense 4 de Julho — data em homenagem à criação do concelho, que teve lugar em 4 de Julho de 1914 — vai executando várias partituras, debaixo da regência do sr. Tibério Rodrigues Fernandes.

Com os seus uniformes de grande gala, vêem-se também os soldados do posto da G. N. R., sob o comando do seu chefe, sr. Henrique Marques; o sr. Horácio Francisco Antunes, oficial de diligências da secção administrativa municipal, etc., etc.

Para a Volta da Estrada, a esperar ali o ilustre visitante e sua comitiva, seguiram alguns automóveis com várias entidades, entre eles a comissão municipal da União Nacional, composta dos srs. Manuel Diniz Júnior, José Correia de

Carvalho, António Máximo de Sequeira, Manuel Antunes Cepas; e ainda os srs. dr. Mário Sousa Dias, dr. José Bebeiano Correia Henriques da Silva, Manuel Alves Cepas, Adelino Henriques Gaspar dos Santos, etc., etc.

Eram já perto de 15 horas quando as girândolas de foguetes começam atroando os ares. É o sr. governador civil que chega.

S. Ex.^a apeia-se e é saudado vivamente.

Trocam-se cumprimentos e o ilustre chefe do distrito e as entidades que o acompanham dão ingresso no edifício dos Paços do Concelho, ao som do hino nacional executado pela filarmónica e do contínuo estrear de foguetes.

Entra-se na sala das sessões da Câmara e o sr. governador civil fica a presidir secretariado pelo sr. comandante da região militar de Leiria, coronel Lacerda e pelo presidente do município castanheirense. A seu lado, as figuras mais representativas do concelho e as pessoas que acompanham o sr. governador civil: — presidente da Junta Geral, Manuel Boaventura, inspector escolar; vice-presidente do mesmo organismo, tenente Nunes; governador civil substituto, capitão Pascoal, delegado da Liga 28 de Maio; antigo governador civil, tenente José da Silva Mendes; comandante da Polícia, tenente Fróis de Almeida; tenente Paula Santos, ajudante do comandante militar; dr. Cortez Pinto, presidente da Comissão Distrital da União Nacional; Paulo Amado, presidente da comissão concelhia da União Nacional em Leiria; engenheiro das estradas, Marques da Silva; João Maldonado, redactor do «Diário da Manhã», padre José Ferreira de Lacerda, director do «Mensageiro» e outros, cujos nomes não nos foi possível obter.

O sr. dr. Marcolino da Silva, na qualidade de presidente do Município, fala em primeiro lugar, para apresentar os seus cumprimentos de boas vindas ao ilustre magistrado superior do distrito, a quem agradece a gentileza da sua visita que jamais pode ser esquecida pelo povo daquele concelho.

Recorda que desde a autonomia concedida à Castanheira, nunca mais foi lembrada em matéria de melhoramentos, mas confia em que agora, em que entramos numa época de realidades práticas, aquele concelho sejam concedidos os benefícios a que tem jus.

E porque assim o compreende é que — diz — ali está o concelho, sem distinção de pessoas, a saudar no ilustre visitante o governo da Ditadura e consequentemente a apoiar a sua obra reconstrutiva que, duma maneira eficaz, nítida e clara, vem trazendo uma nova era de ressurgimento ao nosso País.

Afirma que a Castanheira é não só uma terra essencialmente industrial, com belas quedas de água, mas também uma terra progressiva à custa do esforço dos seus filhos, no que todos sentem um legítimo orgulho.

Fala da necessidade de uma escola industrial naquele meio e faz votos para que o Poder Central, que até aqui tem abandonado tão linda região, que ansia e

olhar para ela com mais carinho, com mais interesse.

E dirigindo-se ainda ao sr. governador civil, põe em foco as suas altas qualidades cívicas e de cidadão probo, tornando-se credor da estima de toda a gente pelo zelo e acendrado patriotismo com que vem desempenhando as suas elevadas funções.

A obra construtiva que S. Ex.^a vem realizando — frisa — é deveras notável, honrando o distrito e honrando a Nação.

Termina fazendo votos para que da visita de S. Ex.^a àquele activo e laborioso concelho, resultem os melhores benefícios.

Levanta vivas ao sr. governador civil, à Ditadura à União Nacional, à Pátria, à República, os quais são entusiasticamente correspondidos.

Levanta-se para falar o sr. governador civil. S. ex.^a começa por agradecer, reconhecido, os cumprimentos que lhe foram dirigidos pelo sr. presidente da Câmara e declara que os recebe com satisfação e com alegria, por ver que aquele concelho é um dos mais importantes do seu distrito.

Uma fraze:

— A Castanheira é, sem sobre de dúvida, a «Covilhã da nossa Estremadura».

Foi nado e criado naquele distrito, mas pode assegurar que a Castanheira de Pera é o bloco do norte do distrito onde a Ditadura conta sólidas amizades.

Refere-se à forma bizarra e cativante como foi recebido e as personalidades que o acompanham, e a todos agradece, tanto mais porque na alegria que em todos nota, vê a clara demonstração de que o concelho está ao lado da Situação.

Não o duvida: é antes uma certeza, uma realidade, mostrando assim servir a obra renovadora da Ditadura.

Em todos os concelhos do distrito, tem também observado a sua concordância com a actual situação política, que por forma brilhante vem exuberantemente mostrando o seu ansio de tornar cada vez maior a nossa Pátria.

Espira-se em largas considerações sobre a obra da Ditadura e alude às figuras de real valor que estão a seu lado.

Diz sentir o maior prazer em se referir a um ilustre filho daquela terra, personalidade de relevo em Portugal, que num gesto nobre e eloquente deu também há pouco a sua adesão à figura: — o dr. Bissaia Barreto. E manifesta o desejo de que o seu exemplo seja seguido e adoptado pelos que estão ainda agarrados aos princípios antigos.

Fala da nossa situação financeira e elogia o dr. Oliveira Salazar, figura grandiosa e patriota, cuja fama e prestígio se espalhou pela Europa e pelo mundo.

Presta as suas homenagens ao sr. presidente da Câmara e a outros adeptos da Ditadura, como José Correia de Carvalho, Manuel A. Cepas e José Diniz, e afirma ao concelho de Castanheira que pode contar com o seu apoio e boa vontade.

— A época que atravessamos — afirma — é de realidades e não de promessas de palavras vãs. O Governo dá os melhoramentos aos povos: não lhos promete.

Refere-se ao melhoramento que vai ser inaugurado no Coentral, tantas vezes prometido, mas em vão.

E exaltando o auxilio generoso da bolsa particular para ser levado a efeito com a cooperação da Câmara, termina por saudar o bom povo daquela terra.

Erguem-se vivas, calorosamente correspondidos pela assistência que enche por completo a sala e se espalha pelos corredores.

Estava terminada a sessão de boas-vindas.

Sai-se dos Paços do Concelho e começa-se a organizar um extenso cortejo de automóveis em direcção ao Coentral onde vai ter lugar

A INAUGURAÇÃO DA ESTRADA

São dezenas de automóveis que agora marcham estrada acima, uns atrás dos outros, constituindo uma enorme fila.

Os habitantes das povoações próximas acorrem à margem da estrada para saudar os ilustres visitantes.

Separam-nos uns 8 quilómetros, mas em breve os autos chegam à Cova das Malhadas, local de onde parte o ramal para o Coentral.

A estrada que vamos percorrendo é a antiga E. N. n.º 120, há poucos anos aberta entre Lousã e Castanheira de Pera.

Os foguetes atroam o espaço. Ainda vamos um pouco distante e já perscrutamos o entusiasmo que anima todos os coentralenses.

Eis-nos chegados. O sr. governador civil e sua comitiva recebem os cumprimentos da Comissão de Melhoramentos, que levou a cabo tão importante obra, a qual é constituída pelos srs. Joaquim Diniz Pimentel, Joaquim Lopes de Carvalho, Manuel Rodrigues Claro, Manuel Simões Claro, José Ferreira, Manuel Alves Barata, Pedro Alves, José Lopes Agostinho, Manuel Bento Ferreira e Manuel Lopes Antão.

Vêm-se ali numerosas pessoas da freguesia e muitos coentralenses que em Lisboa e noutras localidades exercem a sua actividade e foram ali naquele dia, propositadamente, associar-se ao justo regozijo de que se achavam possuídos os seus conterrâneos. Não falta a direcção do Centro Recreativo União Coentralense; a Junta de Freguesia composta dos srs. Manuel Rodrigues Claro, Joaquim Miguel Júnior e Pedro Alves; o regedor sr. Manuel Alves Barata; o pároco sr. José Henriques do Nascimento.

A filarmónica Castanheirense toca a Portuguesa.

Vai proceder-se agora ao acto solene da inauguração. Momento comovente, impressionante.

Está presente o sr. engenheiro Marques da Silva, da Direcção das Estradas de Leiria, como representante da Junta Autónoma.

Adianta-se o sr. governador civil. Neste instante, um grupo de gentis meninas — Augusta Nunes Correia, Ilda Lopes, Alice Maria, Alice Claro, Maria da Conceição, Maria Henriques Lopes, Nazaré Carvalho e Maria Henriques — levantam vivas a s. ex.^a, ao mesmo tempo que o cobrem de flores.

E o sr. dr. Manuel Ribeiro Ferreira corta em seguida a fita de seda que atravessava a estrada sob um artístico arco, em que tremulava a bandeira nacional.

Eram 16 horas menos 1 quarto. Estava feita a tocante cerimónia. O sr. Eugénio Machado levanta vivas ao sr. governador civil e ao Coentral. Em todos os rostos se nota o maior contentamento.

No ar estremejam os foguetes, constantemente. A filarmónica toca.

A RECEPÇÃO NO COENTRAL

De novo se põe o cortejo em marcha e agora pela nova estrada. É uma fila interminável de automóveis.

A 1.º quilómetro surge-nos o Coentral das Barreiras; 500 metros depois, o Coentral do Fojo; e, passado 1 quilómetro, eis-nos no Coentral Grande, sede da freguesia. Os autos avançam cautelosamente, tal é a quantidade de povo que ali se vê.

Todos se apeiam junto de um arco triunfal, levantado à entrada da localidade, onde se lê o seguinte: «O povo dos Coentrais no dia da inauguração da sua estrada, sauda efusivamente o ilustre Chefe do Distrito».

A população recebe os ilustres visitantes com salvas de palmas.

Aos lados da estrada, as meninas Palmira Henriques, Palmira Diniz Claro, Lucinda Henriques Simões, Edviges Lopes, Maria Amélia Paulo, Benvida Barata, Maria Preciosa, Maria da Conceição Barata, Beatriz Henriques Lopes, Maria Antunes Miguel, Herminia Henriques Simões, Cesarina Henriques Machado e Maria das Neves, espargem flores sobre os inúmeros visitantes.

A seguir, o sr. governador civil é convidado a subir para um coreto levantado para esse efeito, onde fica a presidir, tendo a seu lado o sr. dr. Marcolino da Silva, presidente da Câmara Municipal e o sr. Eugénio Domingos Machado, dilecto filho do Coentral.

(Conclui na pág. 22)

Santo António da Neve

DA SUA ROMARIA

por Águia da Beira

Há fastos de luz pela serra toda. A natureza vibra no seu esplendor mais intenso e das giestas, das carquejas e das torgas desprendem-se aromas mil que invadem a montanha nos cocurutos e nos fundos. Há lamentos débeis dos regatos que dizem adeus às alturas e, por meio da vegetação sedenta de humidade, há gorgeios das aves que, em requebros de sonbo, se desafiam para despiques amorosos.

De quando em vez, coleando a vertente rugosa, pela estrada que abraça as encostas das elevações, uma camioneta de excursionistas lança, nas asas do vento campestre, gritos estridentes de júbilo e alegria, expressões que a serra reproduz pelas quebradas em ecos e ressonâncias.

Há, porém, um dia em que a serra muda de feição. O silêncio suspende-se e o seu lugar ocupa-o o entusiasmo e a vibração. No dobrar contínuo do tempo os dias seguem-se variados. Por isso, quando a Primavera se despede e o Verão anuncia as suas calmarias, o mês de Junho assiste ao render da estação.

Junho!... Quando entra traz consigo a perspectiva das searas que ondeiam ao sabor da aragem, se ora verdes ainda, logo adustas, doiradas. E, entre elas, a música fremente das cigarras e dos grilos, das rãs e dos cucos. Por aqui e além há papoilas rubras, malmequeres alvadios, e variedade sem conto de flores que embriagam a vista na multiplicidade das suas cores.

Não há então coração moço, não há alma jovem que não vibre desde que more neste canto da Beira, centro do país, entre serranias calvas e engelhadas. É que o mês anuncia o Santo António, o São João e o São Pedro, os três santos populares à lembrança dos quais há animação e festa.

Acordam na lembrança as fogueiras, o rosmarinho em flor e também as desgarradas e as romarias; e mais os cravos vermelhos, os manjericos e as alcachofras. Voltam à cena os costumes de séculos atrás e, para os viverem, remoçam-se os velhos ao som das harmónicas e dos adufes. Enchem-se as almas de esperança e os corações de sonhos.

Junho que entra e a vida sofre uma agitação transbordante de juventude. Quebra-se a monotonia de quase sempre. O povo vibra, o povo canta, o povo salta e ri. A gente dança — dançam os pés, baloiça-se o corpo e, de tanto rodopiar, fica no peito o coração quase doído.

Entre ilusões e anseios há promessas devotas, oferecem-se sacrifícios ingénuos nascidos de almas simples, embaladas numa fé histórica, milenária, que o tempo e a tradição raizaram.

13 de Junho!

A 13 de Junho de cada ano começa a folia, dão-se início às festas populares que fazem de Portugal um palco vastíssimo onde cada qual se diverte a seu jeito. São marchas e tronos; são regatas e fogos de arte e beleza colorida; são fogueiras e descantes; são romarias e procissões. Na variedade policroma da terra portuguesa ressurgem as tradições seculares para as festas do povo lusiada.

Na serra da Lousã acorda o dia com estrugir de foguetes. Há sintomas de festa e arraial pelos povoados que se debruçam para os vales mimosos. Pelos córregos sinuosos trepam gentes de todo o lado: os de Vilarinho e da Lousã, de Campelo e de Castanheira de Pera. Vão pelos caminhos cantigas à desgarrada; novos ou idosos todos demandam as alturas.

13 de Junho! Dia de Santo António é também o dia de Santo António da Neve.

No topo da montanha, em coro com Portugal inteiro, o povo canta a glória de Taumaturgo, honra do catolicismo e ilustre da sua e nossa Pátria. No cimo da serra festeja-se a data popular que faz vir à rua milhões de portugueses, a perfumar-se em nuvens de fumo aromático do rosmarinho que arde nas fogueiras.

Em volta da capela serrana, ao lado dos históricos Poços da Neve, espalha-se a multidão dos romeiros. Agora a cerimónia religiosa e logo a festa civil entre bailados e descantes, ao som de violas e acordeons quando não há, também, as notas agudas duma gaita de folos.

O povo que canta de manhã na missa é o mesmo que à tarde, sob o sol calcinante, se entrega totalmente à alegria desbordante que contagia tudo. E a brisa fresca das alturas refresca, de quando em quando, a juventude alacre que se entrega aos divertimentos com afã e calor.

Esquece-se a labuta de cada dia porque 13 de Junho há um apenas em cada ano e os corações solitários precisam de escolher, no dia popular, o outro coração que há-de ser par do seu. Rapazes e raparigas deitam ao largo a fantasia, entorpecidos pelo sonho gozam o dia jubiloso do amor, fazem promessas a Santo António, levam-lhe cravos a rescender aroma e tiram do seu andar algum na esperança de, com ele, ganharem o companheiro de noivado.

E quando a noite desce e o regresso à vida do dia a dia se faz, nasce na alma a flor amarga da saudade. No silêncio da alcova, sem poder pagar o tributo ao sono porque o não deixam as recordações do dia, eleva-se, misticamente, uma prece cheinha de esperança para que o Santo António do ano seguinte chegue bem depressa.

DA SUA HISTÓRIA

A Capela de Santo António da Neve, erguida na Serra da Lousã, a cerca de 1.135 metros de altitude, data de 1786. Foi mandada construir pelo então Neveiro da Casa Real, Julião Pereira de Castro.

Que razões levaram Julião Pereira a construir naquele lugar uma ermida?

Isso curamos saber em pesquisas por onde se possa encontrar algo sobre o caso.

Já no século XVI se regista o ofício de NEVEIRO, havendo um tal Paulo Domingues que fizera, em 1619, contrato com a Câmara Municipal de Lisboa para o fornecimento de 96 arrobas diárias de neve aproveitada na Serra da Estrela.

O contrato era válido para o fornecimento de neve nos meses de Junho a Setembro de cada ano. O principal motivo desse contrato era a visita de Filipe II de Espanha à Capital Portuguesa.

Talvez que, de então, jamais deixasse de ser fornecido o gelo para Lisboa até que a Casa Real, após a Restauração da Independência, em 1640, teria nomeado neveiros para abastecimento directo do Paço.

Pelo que se encontrou já, parece-nos ter sido o Ministro de D. José, Sebastião José de Carvalho e Melo quem mandara construir as fábricas Reais para junção da neve, na Serra da Lousã, por ficar mais próxima de Lisboa com maior facilidade, portanto, de transportes.

Creemos que também para pôr cobro ao exagero de preço por que se vendia nas estalagens de Lisboa a que era mandada da Serra da Estrela, constituindo um negócio de alto valor para os contratadores que a tal ofício se entregavam.

Entre outros foi Neveiro de Sua Majestade D. José I, Julião Pereira de Castro, anteriormente Reposteiro de Câmara do mesmo monarca. Foi ele encarregado de juntar a neve nas já citadas fábricas e fazê-la transportar



para Lisboa para o que lhe foram concedidas as facilidades, operários e material que necessitava.

É opinião perfilhada por alguns dos que a este assunto dedicam a atenção, que a neve era transportada em carros para a Figueira da Foz e, dali, em barcos, para Lisboa. Uns outros dizem-nos que a neve seguia em carros directos à capital não se admitindo, segundo me parece, a hipótese de utilizar o Zézere para o transporte da neve, pois não me parece navegável durante o Verão, altura em que se efectuavam os fornecimentos à Casa Real.

Julião Pereira, certamente para ficar mais em contacto com os trabalhos durante o Verão, mandou construir residência no lugar do Coentral e ali passava o estio. Segundo notícia do Rev.^{do} P.^o José Henriques do Nascimento, em 1937, ainda na altura existia na dita freguesia a casa que fora de Julião Pereira, e sua família. Nela habitavam já, ao tempo, outras pessoas.

Foi por estas alturas — 1780 — que o Neveiro de Sua Majestade se propôs levantar no alto da Serra, mesmo junto dos curiosos Poços, a ermida em honra do glorioso santo português. Promessa? Devoção? Ou simplesmente filantropia religiosa?

Os dados para responder a tal não se encontraram ainda. Creemos, porém, que por devoção à capela se ergueu, refúgio espiritual dos que andavam na solidão da serra dados à rude faina da neve.

Não esqueçamos, não, que a época era próspera de actos de filantropia religiosa. O próprio Ministro do Rei a incarnava com especial cuidado. E como o exemplo vinha do alto e a Maçonaria já se sentava no trono sem que o Rei o suspeitasse, tudo é possível.

Fosse lá o que fosse e espero dar um dia alguma luz sobre o caso, o certo é que a ermida se tornou, mais tarde, centro de romaria tão progressiva que actualmente ela é conhecida em todo o centro do país.

A Serra da Lousã acorrem, no dia da festa, gentes variadas e numerosas. Em carros particulares, camionetas de aluguer ou a pé, junta-se à volta da capela multidão de devotos de Santo António. E é curioso, após as cerimónias religiosas, admirar o aspecto do planalto onde se erguem escassas árvores e onde se espalham os romeiros para o almoço que ali apetece sobremaneira.

Há então profusão de cores de mistura com retalhos de alvadias toalhas entre o restolho bem cheiroso. Começam os rostos a mostrar-se tismados, os pés a fugirem para o bailarico.

E dali tudo vai para o rodopio, para a festa laica, entre descantes e música de harmónios.

Há bailes de roda, e palmas, e abraços, e quadras direitas aos corações. Quando à tarde o sol se afoga para os lados do oceano e as sombras enchem os vales a solidão volta, igual, a mesma de 1786, envolvendo a ermida, o orago, e as árvores solitárias.

(Continua na página 19)

Lendas e credices, todas as terras as possuem em maior ou menor quantidade, com maior ou menor interesse, debaixo do ponto de vista demopsicológico.

Lembro-me ainda do terror com que ouvia na meninice, da boca dos mais velhos do Coentral, essas narrativas fantasmagóricas de gigantes horríveis, que arrastavam correntes com grande estridência, ao mesmo tempo que impetavam a atmosfera, com os seus bafos sulfurosos infernais.

Recordo-me ainda da convicção, com que descreviam o «Lapão», espécie de «clube», onde as bruxas se reuniam em conspiração diabólica e onde dançavam num rodopio satânico.

Hoje, riu-me com um ar trocista de todas essas irrealidades ingênuas.

Mas perdoem-me, caros leitores, falar-vos destes factos que com toda a certeza levaram alguns de vocês a soltarem um Credo!... e a persignarem-se três vezes.

Embora não acredite hoje em semelhantes historietas hipotéticas, de que todos falam e que ninguém viu, atrevo-me a contar-vos uma, que se passou comigo, não numa noite de tempestade, entre raios e trovões, não se ouvindo sequer o tradicional piar lúgubre da coruja. Não, nada disso. A minha história deu-se num desses dias cálidos de Outono, tendo por cenários esses Coentrais incomparáveis, com as suas paisagens paradisíacas.

Saíra de casa bastante cedo; espingarda debaixo do braço, alguns cartuxos na algibeira e dispunha-me a percorrer montes e vales à procura de caça. Mas, felizmente para os coelhos e perdizes, três vezes levava a arma à cara e três vezes falhara. Decididamente era mau caçador. Há hora e meia que caminhava.

Doíam-me já as pernas; o suor escorria-me pelas costas abaixo e a sede devorava-me. Desci pela encosta e encaminhei-me até à ribeira onde me saciei; comi algumas amoras e deitei-me à sombra do arvoredado.

Passado algum tempo as pálpebras fecharam-se, o chapéu caiu-me para a cara e mergulhei no reino de Morfeu.

Quando acordei, o sol ia no zénite. Alguém me tocara levemente no ombro. Tirei apressadamente o chapéu de cima dos olhos e... oh! maravilha das maravilhas, diante de mim, de pé, estava uma jovem bela como... (perdoem-me, mas não consigo encontrar termo de compa-

O QUE FICOU POR CONTAR

por

RUI SIMÕES BENTO



ração). Sem poder falar, comecei a apreciá-la detalhadamente: — era alta, pele branca acetinada, os cabelos negros, ondulando ao vento, caíam livremente. As suas feições correctíssimas eram duma beleza angelical; os seus lábios bem desenhados, abriam-se num sorriso amoroso, deixando ver duas fiadas de pérolas; os seus olhos, dum brilho

fulgurante prendiam-me; as suas orelhas eram pequenas, graciosas, (nunca soube porque razão reparei nas suas orelhas... ou talvez soubesse). Não levem a mal o meu entusiasmo e respondam-me sinceramente: — Acreditais em toda esta fantasia? — Não? — Realmente, ela não era nada disto. Era mais bela. Era indescritível.

Estava ainda pasmado, quando ela sempre sorrindo, me ofereceu a sua mão esguia, num gesto amável. Levantei-me apressadamente e mal os meus dedos tocaram os seus, senti um calor agradável invadir-me todo o corpo. De repente, os meus pés deixaram de tocar o solo; estávamos fora da acção da gravidade; éramos leves como penas e assim, de mãos dadas, elevámo-nos no espaço.

Mesmo por baixo de nós, no sopé da montanha, ladeado pelas duas ribeiras avistava-se o Coentral, alegre na sua alvura, dourada pelo sol. Lá estava a igreja com o seu campanário. «Ao longe víamos os sinos tocarem» como diria Vítor Hugo. Mais para a encosta as «Quelhas» com as suas águas prateadas, onde tantas vezes me banhara. Lá ao fundo, erguia-se o Mirante do Cabeço do Pião, numa imponência quase real.

Um vento mais forte, arrastou-nos durante algum tempo. Tínhamos agora à nossa esquerda o Trevim, à direita o planalto de Santo António da Neve, com o seu perfil típico, tão do agrado dos forasteiros. A minha companheira, olhava-me de soslaio e sorria-se do meu ar extasiado. Na verdade aquele quadro era avassalador; o panorama visto daquele ângulo perdia em pormenor, para ganhar, em contrapartida, na beleza do conjunto. Diante daquela natureza imensa, sentia-me pequeno. Sentia realmente a existência dum Deus Criador.

Uma deslocação de ar intensa aproximou-me mais da minha companheira. Senti o seu corpo tépido e esqueci-me de tudo, quando as nossas pupilas se encontraram. Como louco, procurei os seus lábios. Mas de repente, entre os meus braços, tudo ficou vazio. Ela havia desaparecido. Acabara-se o encanto e então comecei a cair vertiginosamente. Estava quase a atingir o solo. Tapei o rosto com as mãos; o momento era de angústia.

Nessa altura, dei um pulo na cama.

Afinal, estava em Lisboa. Nunca tivera espingarda nem fora caçador. Tudo tinha sido um belo sonho que terminara em pesadelo.

Respirei fundo, olhei à minha volta; o relógio marcava 9 horas e 30 minutos. Lá se fora a aula das 9 horas.

Desde esse dia, procurei por toda a parte a mulher do meu sonho. Jamais a encontrei...

E hoje sinto saudades.



MANUEL

BARATA

FÁBRICA DE MEIAS, PEÚGAS
E OUTROS ARTIGOS DE
MALHA DE LÃ

ALVES

TELEFONE 692

COENTRAL GRANDE
Castanheira de Pêra

A SERRA DA LOUSÃ NUMA CARTA

Por
**FRADIQUE F.
DE ALMEIDA**

Querida Riette,

Pelas cartas que envio a mitigar-te a sede de notícias, bem concluirás da ânsia e quase devoção com que tenho procurado conhecer o nosso belo País. Já toquei os seus quatro pontos cardiais e atravessei todas as suas regiões características; bem sabes como tenho estudado, in loco, a etnografia do nosso povo, examinado monumentos e coleccionando, nestas cartas, as maravilhas sem par, que, em cada canto, a Natureza nos oferece. Mas, em cada quilómetro e em cada mês, há tanto de belo a extasiar-nos, tanto de novo e também diversidade a surpreender-nos que bem adivinho que nunca poderia dizer, quanto a este capítulo da vida, como o Velho Simeão: «Nunc demittis servum tuum, Domine» — agora posso morrer em paz, porque meus olhos já viram tudo.

Desta vez, tive a sorte de me fazerem a apresentação de uma encantadora serra, próxima daqui de Coimbra, vestida de noiva, branca de neve. A serra da Lousã.

Sabes? Parecia sonhando, coberta com aqueles lençóis de alvíssimo linho do bragal da tua querida avó-zinha! Que encanto de fascinar, que serenidade de contornos, que estílvio de castidade! Céu amplo e muito azul; aqui ou mais além, um pequeno riacho cantarolando — não sei bem porque, mas diferente dos outros — ou um fio de água a coaxar por uma garganta de neve; árvores a roçagarem suas frondes pelo chão... e mais serras, lá ao longe, empolgantes do infinito... e o sol e a neve!...

Quando cheguei ao cimo da serra, estava completamente maravilhado, não podes supor. Mas não fiques julgando que fui para lá como um turista de cidade... Muito bem acomodado, dentro de uma automóvel, espreitando pela janela e com todos os confortos da nossa ultra-civilização! Não. Assim vêem-se casas e ruas, muitas vezes exibem-se vaidades e, quando muito, entreolham-se as capas desse grande livro que é a Natureza. Não, minha Riette. Eu gosto de a beber e, tanto quanto me é possível, viver todo o belo que me rodeia. E porque me é certo que sentes e pensas como eu, dar-te-ei uma ideia rápida do que foi essa romanesca apresentação, que o Jorge Ladeira me facilitou, da linda serra que encova a sua aldeia, o pitoresco Coentral. Exactamente por ele ser daquela região e conhecê-la bem, é que eu e os outros dois colegas lhe confiámos a nossa guia, que afinal bem precisa se mostrou.

Logo que abandonámos a camioneta, no chamado lugar da Catraia, já no alto, e depois de se fazerem as primeiras fotografias, deparei com um pobre casebre ali engravado e absolutamente solitário... Parecia exalar toda a sua melancolia numa tênue respiração de fumo branco!

— Pois ele é habitado — informou o Ladeira. — É a única casa da região e funciona como pousada, sobretudo para os feirantes que frequentemente cruzam este lugar.

Aí fica inscrito esse apontamento, à guisa de primeira nota de viagem, para, riscando outros que tu facilmente imaginarás, por demasiado comuns numa digressão na neve, continuar a sapatear por esse mágico atalhado (quase nos queimando a vista tão esquisita brancura), enquanto se ia elevando o deus sol em apoteose de luz.

Uma voz:

— Lá ao longe, não vedes?... Coimbra!

E era, minha carinhosa! Das aquelas cristas, conseguíamos enxergar esta sonhadora Coimbra, como um grande novelo, espreguiçando-se, para se desenvencilhar da neblina da manhã. Não poderás fazer ideia, do estranho emaranhado de sensações que eu senti nessa altura... Que de glória e saudade!

Mas era mister quebrar o encanto e continuar a pisar aquela farinha imaculada, por mais horas ainda. Nada de demoras, pois estava até longe o lugar do Cavalete, que nos esperava. E, em acinte às botas geladas, a temperatura do ar começava a ser demasiado tórrida. Já não se pensava mais no cantil da aguardente e, assim os colegas, também eu me libertei da grossa camisola de lã (exactamente a que me fizeste) que tão bem me aconchegara, durante a viagem de camioneta, mal espreitava o dia. Por todas as razões, julgo que era talvez já com certa impaciência que procurávamos atingir aquele ambicionado lugar. E de tal forma que não temo dizer-te que quase me senti um dos judeus de Josué, quando avistei as duas casas que habitam o Cavalete. Finalmente íamos fazer uma fogueira e descansar!... E, depois do almoço, subir ao Trevim — ponto mais elevado daquelas redondezas.

Quatro moços sedentos da beleza da serra, tinham-na toda à nossa volta, em toda a sua pureza. Julgávamo-nos longe do mundo — os únicos senhores daquela majestosa solidão. Mas — surpresa para nós — outro grupo invadira o reino da quietude branca. Afinal aquela serra atraía outros ena-

morados do fascínio da neve. Havia mais almas sedentas de belo e de aventura. Contudo, acreditarias tu que eram raparigas — só raparigas — os novos invasores?

Eu estava pasmado! Além da professora, umas vinte e tal pequenas, entre os doze e os dezoito anos, de um colégio de Coimbra...

Acompanhámo-las na subida, até ao marco geodésico do Trevim, fizeram-se fotografias, jogaram-se bolas de neve, muita neve. Quase todas elas desconheciam os caprichos dela e atreveram-se a deixar na camioneta as colegas mais tímidas ou mais prudentes e aventuraram-se a avançar, como se na cidade estivessem. A tentação que tive de me divertir (não me chames mau, Riette) com todos aqueles contratemplos que lhes surgiram! Pobres sapatinhos de estimação! Ainda me lembro que tivemos de desenterrar um que ficara engravado a meio metro. Mas eram decididas as cachopas e valentes!

E, finalmente, sós, outra vez; mesmo já não era nada cedo para resolvermos da nossa situação.

Ora vai cogitando, minha dedicada Riette, sobre este incómodo problema: — Sairamos desta cidade com o projecto de só passarmos aquele dia na serra; não levávamos pois mais que os mantimentos necessários para um dia, nem outra roupa que não a vestida. Todavia o «Santo António da Neve» estava por ver e isso significava ter ido a Roma, sem ver o Papa. Mas o tempo já nem sequer sobrava para voltar para trás, a apanhar a camioneta da carreira...

— Só ficando aqui para amanhã — sugestionou um colega.

— Quem não pode faltar às aulas? — ouvi perguntar a outro e abri a carteira a consultar o meu horário. Podia efectivamente faltar, nesse dia, às aulas; os outros também.

Resolvido que fora então pernoitarmos ali, os preparativos começaram a saltar uns sobre os outros. Varreu-se com molhos de urze a casa do forno do guarda florestal, único abrigo de que dispúnhamos. Escavou-se a neve a toda a largura da entrada e, quais formigas, acarretámos para o interior, sem conta, achas de pinho que ali havia perto. Para solucionar o problema dos mantimentos havia que descer ao Candal, que era a povoação mais próxima. Já por lá passáramos de manhã na camioneta, mas agora, para a alcançarmos, cortariamos a serra a direito.

— Vamos depressa, lembrou o Pinaz, que ainda vamos encontrar o carro das moças e elas dão-nos as merendas...

E na realidade, mais lestos não andámos, porque o acentuado declive, de quando em quando, nos obrigava a descer a pés e mãos. Apesar disso não passei sem fixar o encanto, a sedução daquelas violentas quebradas que nos envolviam. Sulcos profundos de um lado; uma autêntica floresta, mas linda, de um idílico selvagem, toda rastejando de pinheiros coniformes, à nossa direita; no monte, que da outra banda se erguia, já próxima da povoação, uma pastora com cabras e ovelhas, em autênticos milagres de equilíbrio... Lá longe, sobre os cumes, declinava o sol mortiço, dum oiro-púrpura.

Ao desembocarmos no Candal, um fontanário fez-nos as alegrias da chegada. E, passada meia hora, surgiam, então, alegres, barulhentas, as nossas pequenas amigas. Deliraram com a nossa aventura e, se mais não deram, foi porque mais não podíamos transportar. Garanto-te, minha afeiçoada Riette, que nem Pantagruel seria capaz de conceber tão variado e original banquete. Na verdade, fora genial a lembrança daquele colega.

Já no regresso, uma mulherzinha, a espreitar timidamente da sua casa, emprestou-nos uma manta.

— Ó meus senhores, não têm medo de ir, a esta hora, lá para o alto? Os senhores morrem de frio... eu não tenho mais que lhes empreste...

A casa era engravada na encosta granítica e as ruelas eram mil degraus toscos escavados na rocha. Primitivo e curioso povoado aquele! Nota que me fez lembrar alguns da Beira Alta.

A noite tudo abraçou repentinamente. Era escura, mas engastada de estrelas. Formidável essa que nos assombra no meio de uma serra! É então que se experimenta toda a avassaladora grandiosidade da Natureza. É então que nós homens orgulhosos sentimos toda a nossa pequenez, perante tamanho mistério do silêncio que nos grita e nos perturba!

Estávamos em plena escalada da montanha. O Viriato, visivelmente cansado, deitou-se para o chão. Notei que o Ladeira estava em dificuldade para tatear o rumo. E na verdade confessou:

— Estamos perdidos.

Ainda opinei que voltássemos para baixo:

— Lembrem-se que temos aqui um colega que talvez não suporte essas horas de caminhada, que podemos passar a noite a vaguear, perdidos, e que temos lobos à nossa volta!

(Conclui na pág. 25)

A Flor da Venda Nova

DE — **MANUEL LOPES ANTÃO**

CASA FUNDADA EM 1910

Estabelecimento de Fazendas de Lã, Ferragens, Miudezas, Mercarias, Louças, Vidros, Chapelaria, Calçado, Cereais e Vinhos

ÓDEPÓSITO DE ADUBOS / FÁBRICA DE MOAGEM

Sucursal em

Poiães — Venda Nova

Sernadela de Pombeiro

Telefone 77134

Oficina de reparações de automóveis,
lavagens e lubrificações
Carrocerias, Pinturas e Estofos

ANTÓNIO SOARES

TELEFONE 9300

Rua de Coimbra — Lousã

CANTARES DO COENTRAL

*Santo António de Lisboa
Passou pelo mar primeiro
Depois o foram colocar
No Cabeço do Pereiro*

*Santo António da Neve
Lá está no seu arraial
Arreda-te, deixa passar
Este rancho do Coentral*

*Santo António da Neve
Ainda lá hei-de ir um ano
Ou casada ou solteira
Ou d'amores como ando*

*Eu hei-de ir ao Santo António
Com o meu chapéu na cabeça
Se me chamarem peralta
Santo António me apareça*

*O meu amor me deixou
Só p'ra ver o que eu fazia
Julgava que eu chorava
Mas eu canto d'alegria*

*Raparigas cantai todas
Rapazes cantai com elas
E não fique que dizer
Nem dos rapazes nem delas*

*Ó alto da serra da Neve
D'onde o penedo caiu
Ninguém diga o que não sabe
Nem afirme o que não viu*

*Fui à fonte p'ra ver Ana
Estava meu primo com ela
Adeus primo, adeus Ana
Deus te faça bem com ela*

*Fui à fonte p'ra ver Ana
Encontrei-me com Isabel
Encontrei-me com quem queria
Caiu a sopa no mel*

*Com dez réis de cigarros
Namorei a minha amada
Encontrei o pai na rua
Vá lá mais uma cigarrada*

Terra santa, amada e fecunda

por ÁGUIA DA BEIRA

Já se disse em outro artigo que as cidades roubam braços ao campo. É hoje, ante tantos e tantos desempregados que foram do interior para as capitais, luta-se a toda a hora com falta de braços para os serviços da lavoura. Há falta de quem trabalhe nos campos e há, por isso, campos e campos incultos. Conjugam-se duas forças contra a agricultura. Por um lado a natureza que nos rouba, anualmente, milhares de hectares de terra que leva para o mar. É uma pilhagem descarada perante a qual, na maioria dos casos, o homem se sente pequeno, fraco, vencido. E olha os seus campos e vê-os desaparecer, pouco a pouco, mingando de ano a ano. Cada tempestade que se despenha sobre a terra é um braço de ladrão que entra prepotente, vencedor num campo para levar consigo um pedaço de terra, e às vezes culturas e frutos.

O Coentral é, entre todos os povoados do país, um dos que mais pilhados são. O acidentado do terreno, a abundância das chuvas e a carência de arvoredo são portas abertas à erosão.

Se vivarmos a medalha não encontraremos melhor perspectiva. Assim, considerado o arrastar das terras como perigo enorme, olhemos para a desolação dos vales esterilizados pelos areais que as águas deixaram por lá a quando das correntes tempestuosas. E não esqueçamos o perigo constante de açoreamento dos nossos rios. Ai temos o Mondego que não passa dum colosso de areia a entupir a barra, continuamente, na Figueira da Foz, prejudicando, grandemente, a navegação de certa tonelagem. Como este, tantos outros.

Por outra parte, contra os campos se levanta a atracção que os centros populacionais exercem sobre as gentes que labutam na lavoura. Deste modo se vai destruindo a nossa ri-

queza agrícola e, talvez, diminuindo a produção que nos obriga, depois, a ir ao estrangeiro buscar o que dentro do país podíamos produzir.

Ao escrever nesta revista eu chamo a atenção dos coentralenses. É urgente arborizar as nossas serras. Importa aumentar a nossa riqueza florestal. Temos de ser vigias contra esses que, criminosamente, incendiam as nossas matas. E há que, finalmente, remoçar o amor à terra que nos viu nascer, que foi berço de nossos pais e avós. Demos-lhe o nosso esforço, o nosso carinho, a ternura dos nossos braços. Trabalhem-na com amor e interesse e ela recompensará.

Ao Governo da Nação se confia, mais uma vez a solução do problema que afecta os interesses da gente do campo. Fazemo-lo confiantes de que para eles será estabelecida uma organização que ampare e regule a sua actividade como as há para outras classes da vida nacional.

O COENTRAL EM 1757

No ano de 1757 publicou-se em Lisboa um interessante livro a PORTUGAL SACRO-PROFANO ou CATALOGO ALFABETICO de todas as Freguezias dos Reinos de Portugal, e Algarve: das Igrejas com feus Oragos: do titulo dos Parocos, e annual rendimento de cada huma: dos Padroeiros, que apresentão: juntamente com as leguas de diftancia da METROPOLI OD REINO, E da Cidade principal, e cabeça do Bifpado, com o numero de fogos.

Este livro foi composto e ordenado por PAULO DIAS DE NIZA, bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones e foi impresso na Oficina de Miguel Menescal da Costa, impressora do Santo Officio.

Es a referência que se faz à freguesia do Coentral a páginas 173 da 1.ª Parte da citada obra:

«COENTRAL, Freguesia no Bifpado de Coimbra, tem por Orago N. Senhora da Nazaré, o Paroco he Cura annual da apresentação do Cabido da Sé de Coimbra, rende vinte mil reis; difta de Lisboa trinta leguas, e de Coimbra cinco, tem quarenta e cinco fogos.»

FERNANDES & NETO

Agência oficial da

Manufactura Nacional de Borracha

Pneus MABOR

GASOLINA, ÓLEOS, ACESSÓRIOS

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

Telefone 9232

LOUSÃ

CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

A Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos vem desenvolvendo uma obra meritória que não pode ser esquecida pelos coentralenses.

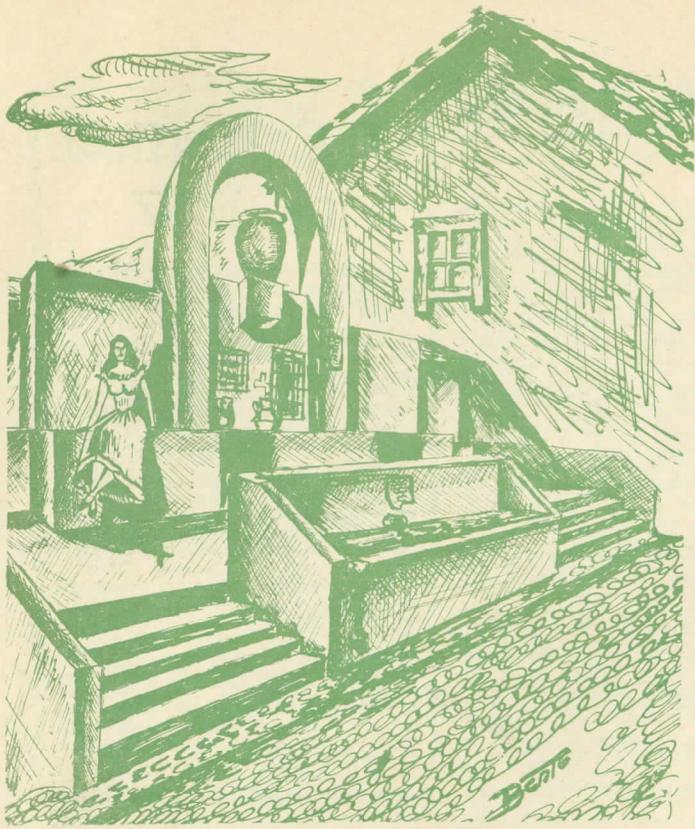
O Coentral sente-se muito honrado pela sua inclusão nessa colectividade e sauda efusivamente os seus dirigentes pela obra notável que vêm realizando.

A actividade da nossa casa comarcã não se tem limitado a uma simples função recreativa. Muito pelo contrário. A direcção tem desenvolvido uma actividade cultural inteligente e uma obra de assistência assaz notável, prodigalizando desvelo inexcedível frente aos conterrâneos mais necessitados.

A gravura do lado reproduz um conjunto de crianças da nossa região vestidas pela Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos durante as comemorações de mais um aniversário.



COENTRAL



Fonte do Coentral Grande

(Desenho de Rui Simões Bento)

Em cada alma serrana brota um sentimento bairrista, um acrisolado amor à terra natal, ao berço onde, em paz bucólica, fomos crescendo, acompanhando a marcha firme do tempo, mas permanecendo na doce recordação dos sinos da nossa aldeia que vão ecoando pelas serranias, anunciando à vizinhança a nossa romaria e entoando connosco o mesmo cantochão.

«Há quem pense que Portugal é só Lisboa — vá lá — os grandes centros» — escrevia João Falcao ao iniciar um interessante artigo publicado no «Diário Popular», de 9 de Janeiro de 1956.

Este exclusivismo de excelências, este mórbido pensamento de que só Lisboa e as cidades maiores são dignas de atenção, chega a ser pecaminoso. Portugal, tão apregoadamente pequeno, continua ignoto para muitos portugueses. Vive-se nas cidades em censurável desconhecimento dos problemas provincianos e no menosprezo pelo indimentável valor do povo das aldeias, que moureja dia a dia entre paisagens agrestes, semeando, ceifando, dominando uma Natureza caprichosa, nem sempre pródiga em facilidades.

O povo das aldeias encanta-me, merece-me um sentimento de amizade. Eu, que sou lisboeta, filho orgulhoso de provincianos, quase me sinto tão aldeão como os mais enraizados habitantes de uma aldeia sertaneja, deposta com graciosidade nas faldas socalcadas da Serra da Lousã. É o Coentral — uma terra que não vem no mapa!

É uma aldeia que respira primitivismo sadio. As casas brancas, o campanário, o espelho das águas de duas ribeiras, toda a povoação oferece aliciente contraste frente ao negrume formidável das escarpas da serra, fendida por caminhos de pé posto, entre urzes e pedras soltas.

Lá no alto, o mais longe que a vista pode abarcar, situa-se o Trevim, o ponto mais alto da Serra portentosa, assinalado por um obelisco geodésico, muito branco, brilhando ao sol a 1204 metros de altitude.

Quando se entra no Coentral, passados dez quilómetros sobre a natural visita à Casa da Criança de Castanheira de Pera, atracção turística a que não resiste o viajante ávido de belezas, tem-se uma estranha sensação. A aldeia revela pobreza. Não há moradias de gente rica. Tudo é singelo e pletórico de rusticidade — mas respira-se ali todo um encanto insuperável — o da verdade. Sentimos que chegámos a um beco sem saída. E é assim mesmo, porquanto o Coentral se ergueu num estreito vale redondo, fechado por altas serranias, contactando com o resto do mundo por um desfiladeiro penhascoso, aproveitado pela estrada e pelos magros cursos de água vítrea que logo se unem à saída do Coentral, engrossando na formação da Ribeira de Pera.

Mas a sensação reservada que o visitante colhe à chegada morre, progressivamente, à medida que penetra no interior da povoação, amálgama de casario, alegrada pela cantar das águas que

avancam pelos regos rasgados no empedrado das próprias ruas.

Não se vê povo. Tudo anda na azáfama agrícola, entre os milheirais verde-alourados que, quase em exclusivo, se estendem pelo vale.

E se alguém assoma a uma janela quando passa um visitante na rua, logo se recolhe, em recato exagerado.

Junto às casas, em condições afigurativamente pouco higiénicas, situam-se os currais, onde se engordam porcos que, no entanto, vêm constantemente renovadas as suas camas de mato verde-jante.

Paisagem bucólica a do pôr-do-sol. Recolhe o gado caprino aos seus currais, toscamente erguidos a um canto da aldeia. Os berros e o pó levantado caracterizam o recolher das cabras à Portela. As portas dos currais, as mulheres contam as cabeças que lhes surgem. Todo o gado sabe onde fica a «sua casa» e para lá se encaminha sem necessidade de ser «tocado».

Cada dia vai um pastor para a serra brava. Há como que uma escala marcando os pastores da semana...

Mas... o gado é cada vez em menor número. Como tudo nesta povoação.

O Coentral está em declínio. Tudo vai diminuindo. Só a Natureza capricha em emprestar-lhe a mesma beleza de sempre. São as águas a saltar em cascatas de encantadora visão; são as fragas do «Poio» erguidas majestosamente para o céu; são os poços dessa mesma zona afastada, cavados em recantos semi-escondidos onde o rapazio faz nudismo no Verão, mergulhando os corpos suados em água incessantemente renovada.

E quando, por vezes, no Estio pleno, o fogo faz estragos na serra, destruindo mato e arvoredos, o espectáculo é de uma beleza surpreendente:

— Anda «ucha» na serra! — grita-se na aldeia.

As labaredas dominadoras enchem a paisagem durante dias, tomando grandiosidade e beleza incomparável durante a noite.

O ÉXODO DOS COENTRALENSES

Ao falarmos desta pequena aldeia, sabemos que as nossas palavras se adequam à maioria dos lugarejos da serra da Lousã, onde os braços masculinos vão desaparecendo, atraídos pelas cidades.

É curiosa e nefasta para os interesses locais a sedução exercida pelos grandes centros sobre a população das aldeias.

No Coentral quase não há rapazes...

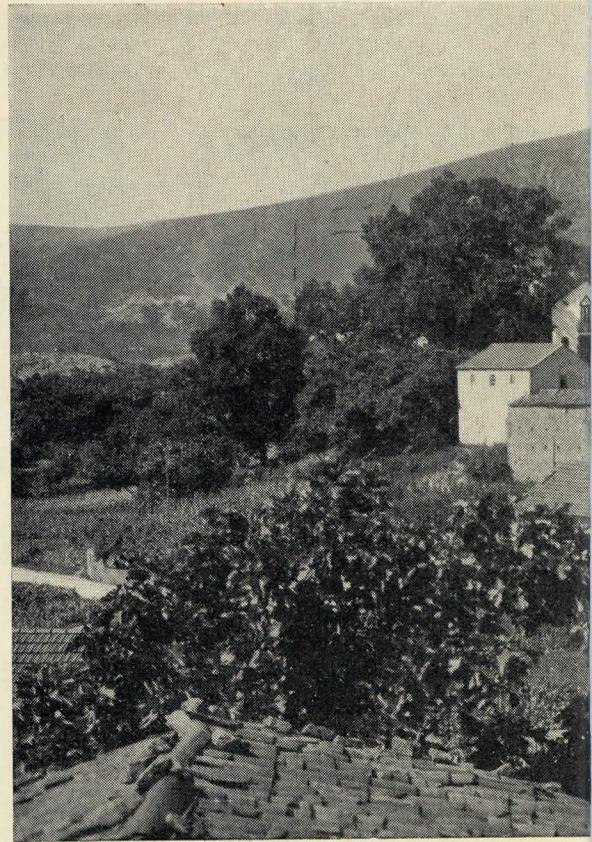
Os garotos de catorze ou quinze anos anseiam pela vinda para Lisboa. Eles vêem aqueles que

de lá saíram voltar por altura das festas, envergando impecáveis fatos, ostentando sapatos finos, fumando vaidosamente e pagando copos nas «tendas».

Lembram-se do tempo em que esses antigos companheiros vestiam pior e não se faziam acompanhar por uns «cobres».

A ostentação dos últimos tráfugas vence os derradeiros escrúpulos, corrompe os restos de bairrismo — e ei-los de abalada para Lisboa, transportando um sacco de roupas e de nacos de presunto. E as ilusões não cabem num só sacco...

Que fazem em Lisboa? Trabalham com honradez. Vêm para os mercados acarretar os mais pesados fardos. Vivem em «repúblicas» boçais,



Vista parcial d

terra de encantos

amealhando, chafurdando num mundo de canseiras e de ilusões.

Vivem para o trabalho. E para fazer vista, quando de tempos a tempos visitam a terra que os viu nascer.

E não pensam que o Coentral não é exigente perante os forasteiros. O seu povo é boa gente mas não perdoa a quem não pretende fazer vista. Os que não apresentam fatos novos em cada visita, ou entendem — e muito bem — que se deve andar à vontade nas aldeias, estão sujeitos a censuras ditas a meia-voz. Claro que há quem se não rale com isso. Mas a maioria preocupa-se com esse pormenor de representação e, ao fazer das malas, tem cuidados extremos, como se fosse não para uma aldeia singela mas para uma estância de turismo exigente.

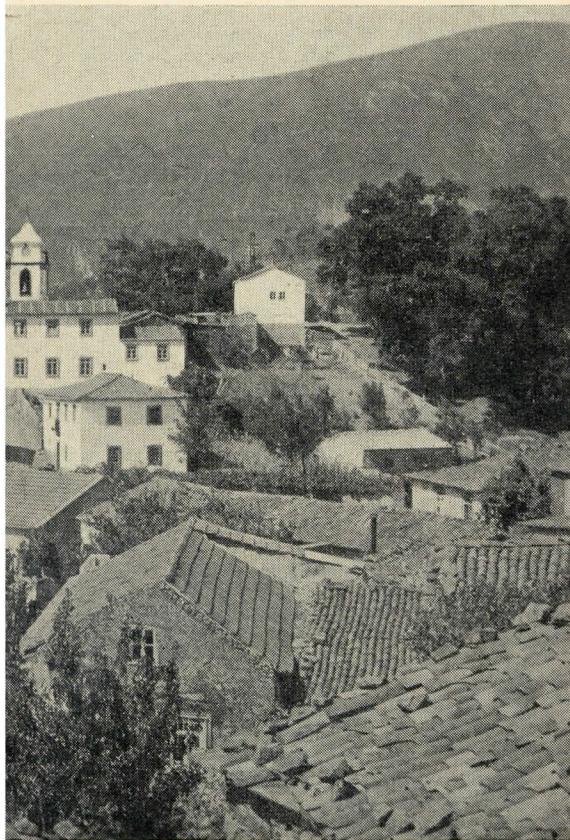
O índice demográfico baixa no Coentral assustadoramente. A população é cada vez menor, sofrendo rudes golpes com as correntes emigratórias não só para Lisboa, como para fora do continente.

Há coentralenses por todo o mundo, predominando os «africanos» e os «americanos», que de quando em quando nos aparecem com ares de novos ricos, exibicionistas — mas sempre boas pessoas.

Eu adoro o Coentral e os coentralenses. Até mesmo porque das suas virtudes e fraquezas compartilhou o meu pai — que também «fugiu» para

pele Dr. Herlander Machado

Lisboa, também andou pela América e veio, afinal, a materializar os seus anseios na Lisboa dos comerciantes.



Coentral Grande

Uma das virtudes que eu mais aprecio nos coentralenses enriquecidos é o desejo de educar os filhos. Mas esta virtude, este estremecido desejo de dar aos descendentes a cultura que o Destino não lhes proporcionou, tem o seu lado bom, mas, como todas as coisas na vida, também guarda o seu lado mau...

É que o Coentral morre dia a dia. Sente-se a necessidade de o rejuvenescer, prendendo na aldeia o maior número de homens, mercê de condições estáveis que impeçam a «grande aventura» dos coentralenses.

Quem passeia pelo lugarejo ignoto, colhe a impressão de que quase tudo está ao abandono. Por todo o lado se vêem casas em ruína, telhados abalroados, baldios onde outrora, ainda no meu tempo de rapazinho, havia lindas hortas de frescura exuberante. Agora... grassa o abandono. A erva cresce livremente e no cavado dos regos vão-se amontoando as pedras.

Este declínio coentralense — penoso para os que, como eu, adoram esta povoação — seria um mero acidente, sem importância, se o mesmo fenómeno se não verificasse em muitas outras povoações serranas.

Lisboa e o Estrangeiro exercem demasiada atracção sobre os meios rurais. E muitos têm em terras hostis e desconhecidas uma vida de sacrifícios, um penitente trabalho diário, vivendo incessantemente uma existência secundária, de servidores submissos. Nem sempre a sorte sorri a quem sai da sua terra sem levar mais do que o vigor dos seus braços.

É bom que disto se convença aquele que pretende seguir, horizontes fora, em busca de melhores dias. Assalta-me neste momento o exemplo descrito por Ferreira de Castro nessa obra que devia ser lida por todo aquele que pretende ir de abalada por esse mundo além. Refiro-me, evidentemente, a esse portentoso romance do consagrado escritor contemporâneo — «Os Emigrantes».

E o habitante da cidade, que se enche de jactância inexplicável e olha de lado o trabalhador rural que lhe vai assegurando o equilíbrio económico, deve ter presente — sempre — o ensinamento longínquo, ministrado pela História — fonte inesgotável de lições — no capítulo das lutas sociais de Roma: Os patricios — a elite romana — só reconheceram o valor dos plebeus — massa amorfa do povo — quando da retirada destes para o monte Sacro. Os argumentos de Menénio Agripa, convencendo os plebeus a regressarem a Roma, onde eram tão necessários como os mais altivos dos romanos, proporcionam precioso indicativo que se não deve menosprezar.

EM DECLÍNIO...

Os temas regionalistas estão empobrecendo a olhos vistos. As aldeias vão perdendo o manto típico que as valorizava.

As esfolhadas, tema magistralmente descrito por Júlio Dinis, também já não se realizam no Coentral com aquele ar de festa dos outros tempos. Agora... nem se dá por isso. Tudo se faz quase em segredo... E depressa, que a abundância não é grande. Faltam braços na lavoura. Faltam braços para tudo...

Os rapazes cedo deixam a terra natal. E quando as «sortes» já estão arrumadas, dão uma saltada à terra, vivem uma cerimónia «pomposa», e após a boda regressam à cidade com a mulher.

Quase todos casam com raparigas da região. São poucos os que escolhem para companheiras no resto da vida mulheres de outras localidades. Estreitam-se os laços entre os coentralenses... «Todos são primos e primas».

E é curioso o namoro coentralense. Rêspeto a tradição, mas sorriso perante ela. Os rapazes vão ao Coentral passar uns dias; vão lançando os olhos em redor, colhendo informes sobre as possibilidades de êxito para as suas pretensões e vêm

de abalada, sem falarem no assunto com as eleitas do seu coração (!) Mas nesta escolha influi muitas vezes a recomendação dos «teres e haveres».

Só após o regresso à cidade se decidem a propor o namoro, escrevendo uma carta que nem sempre é dirigida à interessada. Por vezes as «negociações» são entabuladas com os pais da «moça».

Não há memória de um estupro ou de um atentado aos bons costumes da terra.

O namoro termina normalmente em boda... e distribuição de confeitos.

Noutros tempos os coentralenses regressavam muitas vezes a Lisboa sem as noivas. Lá as deixavam no Coentral, assegurando o aumento da população.

Nisto melhoraram eles. Agora casam e vivem sempre em comum.

A verdade é que os coentralenses não têm na sua terra as indispensáveis condições de vida. Os terrenos não são muito produtivos. Há pouca fruta. A vegetação limita-se a uns quantos pinheiros, a umas pobres carvalhas, a meia dúzia de olivedos, a uns frondosos castanheiros. As hortas e os milheirais completam o quadro agrícola, sendo o milho o mais abundante produto de toda a região.



Os turistas encontram motivos fotográficos a cada canto

Por toda a serra cresce o mato forte e odoroso. As «torgas» fornecem as lareiras. Vão as raparigas à serra e de lá regressam carregando cestas com os «torgueiros», ou ajoujando-se ao peso dos molhos de mato e «carqueja».

Como elas são graciosas quando vêm da serra com as suas cestas à cabeça, ou regressam das fontes com os seus cântaros bojudos a escorrer. E são elegantes nos seus bustos bem torneados...

Quando o domingo desponta e o Sol acaricia a paisagem, todo o povo vai à missa, envergando os seus melhores trajos. Como eu gosto de os ver com o seu aparato domingueiro...

Noutros tempos... culminava o domingo com o bailarico no «Centro». Os rapazes percorriam a aldeia tocando harmónios, lembrando a hora de começar a dança.

Iam foguetes para o céu, ecoando nas lonjuras da serra e acendia-se a luz do velho «Centro», uma sociedade de recreio que durante muitos anos sustentou a escola dos rapazes, agora fechada por falta de frequência justificativa do funcionamento de duas salas de ensino primário.

Tudo em declínio!
Também agora não há baile todos os domingos. Não há rapazes, senão de visita.

(Continua na página seguinte)

COENTRAL, TERRA DE ENCANTOS

(Continuação das páginas centrais)



Não faltam refúgios de frescura

A quadra preferida para o matar das saudades é a de Janeiro, quando se realiza a festa do Mártir S. Sebastião, com o cortejo processional, o bodo, a tradicionalíssima gaita de foles e o fogo de artifício.

Também em Agosto o Coentral recebe visitas no dia da festa primaz dos coentralenses — a de N.ª Sr.ª da Nazaré.

Nesse dia o Coentral veste galas. Levantam-se arcos nas ruas — são sempre os mesmos, claro — há bandeiras, papéis coloridos, foguetes sem conta. E a procissão percorre a aldeia quase deserta. E a procissão percorre a aldeia quase deserta, porquanto todo o povo enfileira no cortejo.

O bailarico era, outrora, encantador...

«In illo tempore»... postavam-se os tocadores ao centro da acanhada sala quadrangular, dedilhando um banjo, ou um harmónio roufenho. Os pés martelavam o soalho, os corpos suavavam e as raparigas, ostentando cores garridas, bem vestidas e «ouradas», cantavam melodias regionais — entrecortado o cântico pelo Zé Bento, que, entre dois copos de vinho, sôfregamente emborcados no bufete, ganhava alento, ordenando em grita:

- Vamos ao centro!
- Virou à esquerda!
- Mais uma volta!

A este tipo de danças chamavam o «fado mandado». E muitos outros nomes curiosos eram aplicados aos vários géneros de melodias regionais. As danças em redopio, por exemplo, denominavam «valsas valsadas».

Agora ...o Coentral é diferente. O declínio espalhou os seus tentáculos avassaladores em todos os sentidos...

O baile já não tem sabor regional. É uma pobre imitação das festas citadinas. Há um pic-up, dançam-se tangos e swings — e mal.

Que saudade, que tristeza isso me dá.

A GRANDE ESPERANÇA...

Não fora a pequena indústria das meias, também as mulheres não teriam suficientes meios de subsistência. Há duas fábricas, dirigidas por gente de ideias novas, que soube assegurar a sua manutenção no Coentral de forma inteligente. E para viver em desafogo não necessitou de esquecer a sua terra.

De gente desta é que há carência nos meios pequenos. Há que revigorar estas pobres aldeias que só são ricas nas belezas da mãe Natura.

Os «brasileiros», os «africanos» e os «americanos» têm que rejuvenescer a sua terra. Devem fomentar indústrias, procurar renovar os processos rotineiros da agricultura, lançar as bases de um futuro melhor para a propriedade rural e lembrar-se de que Portugal não é só Lisboa e os grandes centros. É bem mais do que isso...

Mas... o desenvolvimento rural não vem por acaso. Há necessidade de o procurar com denodo, sendo o primeiro passo — a meu ver — o saneamento das condições de vida da gente do campo. Isso compete em grande parte à iniciativa particular, que, sendo cuidadosamente elaborada, merecerá de todos — creio-o bem — o carinho indispensável.

COMO SE VIVE...

Duma maneira geral a propriedade está bem dividida nestas aldeias. Não conheço nenhum latifúndio. Cada família tem o seu terreno a amanhar, cria o seu porco, cuida do fabrico das «boroas» em sua própria casa e arranca «novidades» do horto.

Na alimentação predomina a carne.

É curiosa a matança do porco.

Espectáculo inesquecível...

Maniata-se o pobre animal deitado sobre um banco poderoso e, enquanto vários homens seguram o condenado, o matador enterra-lhe uma faca monstruosa na «pescocreira», ao mesmo

tempo que as mulheres colocam uma gamela a apurar o sangue.

Tudo na casa anda numa dobadoura. Espreitam as crianças assustadas, lidam as mulheres nervosamente.

Os grunhidos do animal agonizante enchem o espaço e os homens que o seguram terminam a sua tarefa suando copiosamente.

Depois... sobre uma fogueira de «carqueja» ressequida o animal é chamuscado. Segue-se a raspagem e a lavagem da pele. Arrancam-se as crostas e a penugem encrespada.

Para o abrir, pendura-se o porco em seguida, utilizando-se o «chambaril» — um pau curvo, cujas pontas se enfiam nos «jarretes» do porco.

O resto é igual em toda a parte.

Diz o povo a propósito:

— Se queres ver o teu corpo, desmancha o teu porco.

No dia seguinte há «sarrabulho» — o melhor prato coentralense, feito com pedaços de fígado e lombo frito acompanhados com sangue deliciosamente preparado. O sangue «coalhado» na gamela é partido aos «quartos» e atravessa sucessivas fases de cozimento e fritagem.

Segue o tempo de se comprarem os leitões. Os vendedores andam com eles de terra em terra — fazendo farto negócio depois da última matança.

Escolhido o animal, ei-lo na posse dos seus aposentos, em frente da casa de habitação, ou mesmo debaixo dela — «ná loje». Todas as habitações de primeiro andar têm uma loja para arrumação das arcas da farinha, do milho em grão, dos presuntos «fumados».

Instalado o leitão, vem pouco depois o «capador». De novo há grunhidos lamentosos no curral. Em seguida coloca-se no focinho do suíno o «arganel», espécie de argola de arame que lhe enterram na carne para que o animal não «fosse», não revolva incessantemente o mato do seu curral.

É assim todos os anos...

A vida da aldeia é rotineira, mas tem encantos incomparáveis.

De tempos a tempos, descem pelas quebradas da serra as vendedeiras de peixe. Vêm de Miranda do Corvo. Deslocam-se a pé, descalças, transportando peixe salgado.

Mas nem todos lhe chegam. Vive-se decentemente graças às remessas de dinheiro feitas pelos emigrantes e à vida de trabalho intenso que a população vai levando, mas o dinheiro não abunda nestas povoações. Quase se não trabalha à jorna, se exceptuarmos o pedreiro, o carpinteiro, e as raparigas das «meias». E como a terra quase não dá para mais do que para o consumo de cada casa...

DAS COMUNICAÇÕES...

O Coentral está isolado nos «confins do Mundo». E se esta solidão lhe confere vantagens, nem por isso deixa de ser uma das causas mais fortes a contrariar o seu progresso. Há necessidade de percorrer 3 quilómetros de estrada para alcançar a via de ligação entre a Lousã e a Castanheira de Pera. O local do encontro com a estrada-mãe é um solitário valado, envolvido por pinheirais vetustos. Ai se situa a casa dos cantoneiros, de traça harmoniosa e pintura cuidada. O local denomina-se Cova das Malhadas.

E nesse lugar que se pode tomar a camioneta para a Lousã ou para Castanheira de Pera, sendo este o único meio de se fazer, em qualquer dia, o percurso para os grandes centros.

Mas às quinta-feiras há uma carreira directa de Lisboa, fazendo-se a ligação em sentido contrário às sexta-feiras.

Não há dúvida de que são escassas as comunicações, mas no estado actual desta e doutras quejandas aldeias não se pode esperar melhor.

Porém... se um dia passasse pelo Coentral a decantada estrada para Góis.

O correio chega diariamente a todas as povoações dos arredores. Faz-se a separação na Castanheira de Pera.

A chegada das «novas» apresenta desde há relativamente pouco tempo um aspecto diferente. Vem um funcionário ao Coentral fazer a distribuição. Permanece algum tempo no povoado, aguardando alguma resposta urgente.

Simplificou-se o sistema empregado durante dezenas de anos. Melhorou-se, mas não se pode dizer que seja suficiente o tempo concedido para as respostas.

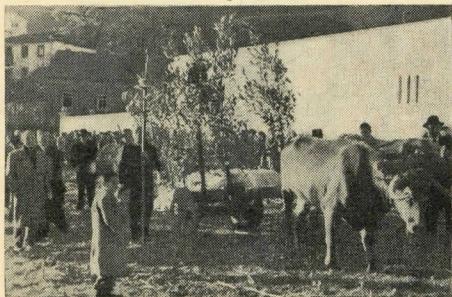
O «quadro» é diferente... Houve uma tentativa de actualização, mais de harmonia com as necessidades da vida moderna...

Mas... outrora, uma escassa meia dúzia de anos atrás, a hora das notícias tinha mais cor, mais singularidade, mais sabor aldeão.

Estou a rever a imagem fagueira, inesquecível...

Era uma mulher que ia buscar o correio à vila, distribuindo penosamente os vários sacos pelos lugarejos que ficam pelo caminho. O Coentral, no fim da estrada, era o último a receber as cartas.

No fastigio da tarde chegava a velhota à tenda do «Manel Simões». Tenho nos olhos o seu vulto negro e alquebrado. Entrava vagarosa, vinha arrasada. Depunha o saco sobre o balcão e sen-



Festa de S. Sebastião — Bodo

tava-se um pouco, limpando as bagas de suor que lhe desciam pelo rosto.

Aglomerava-se o povo na loja soturna. Expectativa!...

Sempre que eu assistia à distribuição do correio recordava enlevado a magistral descrição que foi feita por Júlio Dinis nessa perfumada obra de sabor regional — «A Morgadinha dos Canaviais»:

«Mestre Bento Pertunhas começou, em voz lenta e fanhosa, a leitura dos sobrescritos.

A cada nome proferido, erguia-se quase sempre uma voz, às vezes um grito, estendia-se por cima das cabeças um braço...».

Trocada a figura do Mestre Bento Pertunhas pela do «Manel Simões» o espectáculo era o mesmo do século passado...

Subsistia em todo o seu colorido, mescla de emoções, turbilhão de ansiedades, doce encanto de uma aldeia recôndita que vivia sófregamente, em cada dia, o chegar das novas do resto do mundo...

O telefone público também veio melhorar grandemente a vida dos coentralenses. O povo reuniu-se para a obtenção dos necessários fundos. E agora o Coentral pode comunicar com o mundo.



Regressa a procissão à Igreja

UMA CAPELA SOLITÁRIA

«Sant'Antoninho da Neve
Mesmo à beira do Trevim»

(cantava-se há anos na Emissora Nacional).

No alto das serranias, a dois passos bem puxados do Trevim, ergue-se uma capelinha branca, edificada em 1786, segundo esclarece uma lápida colocada na fachada singela.

Eis uma cópia da inscrição, actualizada na ortografia e expurgada de abreviaturas:

ESTA CAPELA DO GLORIOSO SANTO
ANTÓNIO DE LISBOA
A MANDOU FAZER
JULIÃO PEREIRA DE CASTRO
REPOSTEIRO DO NOSSO REINO DA CÂMARA
DE SUA MAGESTADE E NEVEIRO DE
SUA REAL CASA EM TERRA SUA ANO
DE 1786

Neveiro de sua real casa!

Mas quem eram os neveiros?

Sabe-se que, em 1619, a câmara de Lisboa contratou com Paulo Domingues o fornecimento

diário, de 1 de Junho a 30 de Setembro, pelo menos 96 arrobas de neve da Serra da Estrela, para ser consumida na capital portuguesa. Presume-se que o interesse da câmara por este for-



Os grunhidos do animal agonizante enchem o espaço

necimento esteja associado à visita que nesse ano fez à cidade do Tejo o chefe da monarquia dualista Filipe III de Espanha.

Mas não só a Serra da Estrela forneceu neve a Lisboa. A casa real recebia neve da serra da Lousã.

No planalto onde se situa a desprezenciosa capelinha de Santo António da Neve, erguem-se também três fundos poços, cobertos por cúpulas de pedra, em forma de sino, nos quais a neve era armazenada — comprimida por pesados maços de madeira que alguns homens manejavam vigorosamente.

As mulheres das aldeias vizinhas eram contratadas para acarretarem cestos de neve para esses poços, que tinham mais de vinte metros de fundura. Dois deles ainda não estão atulhados.

Durante o Verão, enchiam-se os caixotes — e os carros de bois transportavam-nos para a Corte.

Este local da serra é deserto. Mas tem uma beleza esmagadora. São os jogos de luz, as montanhas esfumadas ao longe, os casarões semeados na maior distância que a vista pode abarcar.

Do alto, avista-se a serra da Estrela em dias límpidos. Estamos a 1.200 metros de altitude. O Trevim, o ponto mais alto, só tem mais quatro metros.

Em Junho, no dia 13, há festa em Santo António da Neve.

Vem o povo das redondezas.

Do Coentral, por ser o mais próximo, vem o maior número de peregrinos.

Este povo serrano permanece religioso como poucos. É impressionante demonstração a existência de inúmeras «alminhas», espalhadas por todos os caminhos que rasgam a serra.

Também os «nichos» se vêem por toda a parte. Noutros tempos, as festas de Junho em Santo António da Neve terminavam em violentas rixas, em que se manejavam varapaus, sem dó nem piedade. Havia braços partidos. Davam-se cenas patéticas.

Era ali que se ajustavam as contas devidas pelas rivalidades suscitadas entre os que da serra haviam fugido para servirem como aguadeiros em Lisboa. E o ofício parece que era fértil pretexto para questões, que se resolviam depois, ao mais pequeno atrito, naquele planalto em romaria.

Agora tudo é diferente. Melhorou-se muito. A festa decorre em ambiente fraterno, sendo a religiosidade comovida a nota dominante.

Já não há jogo de pau... Também não há aguadeiros...

NEVE NA SERRA

Se toda a serra da Lousã é um hino de beleza no Verão, também no Inverno ela oferece espectáculo que se não esquece.

A brancura, o espelho da neve em dias de sol é uma inesquecível visão de sonho. Ainda há pouco em Fevereiro, o Coentral se vestiu com a

(Conclui na pág. 25)

FALA UM COENTRALENSE

O ENCLAVE DE CABINDA é a parcela mais rica da nossa província de ANGOLA

Situada ao Norte da Província, Cabinda fica encravada entre o Congo Belga que a delimita pelo Sul e Este, a África Equatorial Francesa pelo Norte e o Oceano Atlântico pelo Oeste.

Para que a sua baía, que em si constitui um porto quase natural, pudesse ser utilizado pelos barcos de grande calado, bastaria que fosse dragado, a fim de conseguir uma maior profundidade. Entretanto, não deixa de proporcionar a entrada de barcos de 4 e 5 mil toneladas.

Zona Florestal das mais densas de Angola, têm grande nomeada as matas da região do Matombe e em todo o Enclave, se dá esplêndidamente o cacau e o café, sendo a palmeira, espontânea, uma das suas maiores riquezas, dela se extraindo o coconote (amêndoa), e óleo de palma da polpa do seu fruto.

A nossa ocupação data de 1885, existindo, anterior a ela, uma dezena de portugueses e estrangeiros. Entre esses portugueses encontrava-se um nosso conterrâneo — o saudoso Manuel Nunes Barata — a quem se deve o facto de ser ainda hoje a colónia de coentralenses a que predomina no Enclave, não já só pelos naturais do Coentral mas também pelos seus descendentes, numa grande parte aqui nascidos.

É notável o contributo que os coentralenses, pelo seu grande esforço, têm dado ao desenvolvimento do Enclave de Cabinda, tanto na parte comercial como industrial e agrícola, sendo ainda os nossos conterrâneos os impulsionadores das principais indústrias existentes e a quem pertence o melhor edifício da cidade de Cabinda, segundo opinião da maioria dos seus habitantes.

Hoje, dia 7 de Julho de 1956, desembarcou em Cabinda, vindo de Luanda no navio hidrográfico «Carvalho Araújo», Sua Excelência o Governador Geral de Angola, Tenente-Coronel Horácio José Sá Viana Rebelo, a quem foi prestada condigna homenagem, bem como a Sua Ex.^{ma} Esposa, natural de Castanheira de Pera. Foram apresentadas as boas-vindas a Sua Ex.^a pelo Administrador do Concelho, na qualidade de presidente da Comissão Municipal, e, na sessão solene realizada, falaram várias outras individualidades, entre as quais o Senhor Governador do Distrito. Por último falou Sua Ex.^a o Governador Geral, prometendo interessar-se pelos problemas do Enclave, que são muitos, deixando à população a esperança de um futuro melhor.

Com efeito, o Enclave, à parte o que se fez com a ocupação em 1885, pouco ou nada adiantou durante cerca de 40 anos, e só nos

A singeleza de uma festa de aldeia é sempre aliciante espectáculo para o habitante da cidade, saturado da vida febril e dos atractivos oferecidos pelos cinemas, teatros e boémias ruidosas.

O luxo, o pretensiosismo e o ar viciado das cidades despertam em nós um forte desejo de gozar a serenidade de uns dias de férias numa aldeia caiada de branco, onde a brisa transporte o odor dos pinheirais e o tempo pareça caminhar mais vagaroso.

As águas que se despenham das alturas rochosas, o sussurro das árvores batidas pelo vento, o chilrear incessante da passarada, tudo, enfim, encanta e entenece o cidadão, depauperado fisicamente pela intensidade da vida dos grandes centros urbanos.

Adoro a vida da aldeia!...

Paz bucólica! Enternecimento constante!

Sucede isto comigo quando estou no Coentral, quando contemplo as serranias desta aldeia pobrezinha que vai vivendo calmamente os seus dias, sempre em modéstia rotineira, mas permanecendo na graça de Deus.

Em Agosto de cada ano o Coentral veste pompas para celebrar a Santa Padroeira da Freguesia. O povo vive intensamente a festividade. A alegria brota dos corações fieis...

Faz agora anos que eu acorri mais uma vez ao Coentral, em dia de N.^a Senhora da Nazaré...

... Dia de Festa! 15 de Agosto! Os foguetes rebentam, ecoando violentamente de encontro às serranias vetustas.

A procissão acabou de percorrer as principais ruas do lugar e, neste momento, a banda de música da Castanheira está no adro a executar marchas festivas, rodeada de povoleu que lhe gaba incondicionalmente a afinação dos instrumentos.

Passeio pelo adro, procurando a sombra protectora das carvalhas e dos castanheiros. Mas não perco um pormenor do espectáculo ruidoso.

NOTA TRISTE

Em dia de festa

Conversa-se animadamente. Muitos vieram de longe, percorreram, como eu, longos quilómetros para assistir à festa primaz da sua terra e ver os seus, matando saudades e acompanhando-se na mesma comunhão de fé.

Nunca vi festa religiosa alguma que superasse em respeito a do Coentral. Todos compartilham da mesma bênção de Amor e Fraternidade.

Ilustração de João Abreu

O meu olhar, ávido de tudo o que se lhe depara, não descansa um momento e vem cair sobre a colina onde o cemitério tristonho, lembrando uma realidade que alguns pretendem esquecer, se levanta majestoso e formidável por entre o mato bravio e as carvalhas frondosas.

Que vejo eu?

Um vulto negro de mulher sobe

pelo
DR. HERLANDER
MACHADO

o íngreme caminho que conduz à porta da necrópole. Avança lentamente, como que vergada a uma pesada força.

Neste momento abstraio-me de tudo o mais. Vejo a mulher aproximar-se do portão gradeado e ajoelhar-se vagarosa. Pressinto que tem a cabeça encostada às grades, percebo que o seu olhar ficou preso à sepultura de um ente querido.

— Quem será? — pergunto a mim próprio.

Entristeço.

E o vulto negro, batido fortemente em contra-luz, contrastando com a alegria de um céu muito azul e soalheiro, que lhe realça a silhueta através do gradeamento, mantém-se longos minutos estático, como que petrificado.

Adivinho que aquela desconhecida reza.

Sinto o gelado das suas lágrimas como dura vergastada na minha alma.

Mas... os foguetes continuam a subir aos céus, as notas da banda persistem no espaço, enquanto os meus olhos ficam presos naquele vulto.

— Por quem chora? Talvez por um filho perdido... ou pela morte do marido.

Que importa saber?...

... A festa continua. A música vai alegrando o povo que não deu pela presença daquela mulher que, além, permanece há longos momentos numa atitude de sofrimento psíquico.

Assalta-me uma tristeza infinita. A minha alma concentra-se também sobre uma dor antiga. E o meu pensamento encaminha-se para a memória de meu pai, que comigo permanece sempre, em saudosismo fiel.

Os que sofrem compreendem melhor o sofrimento dos outros.

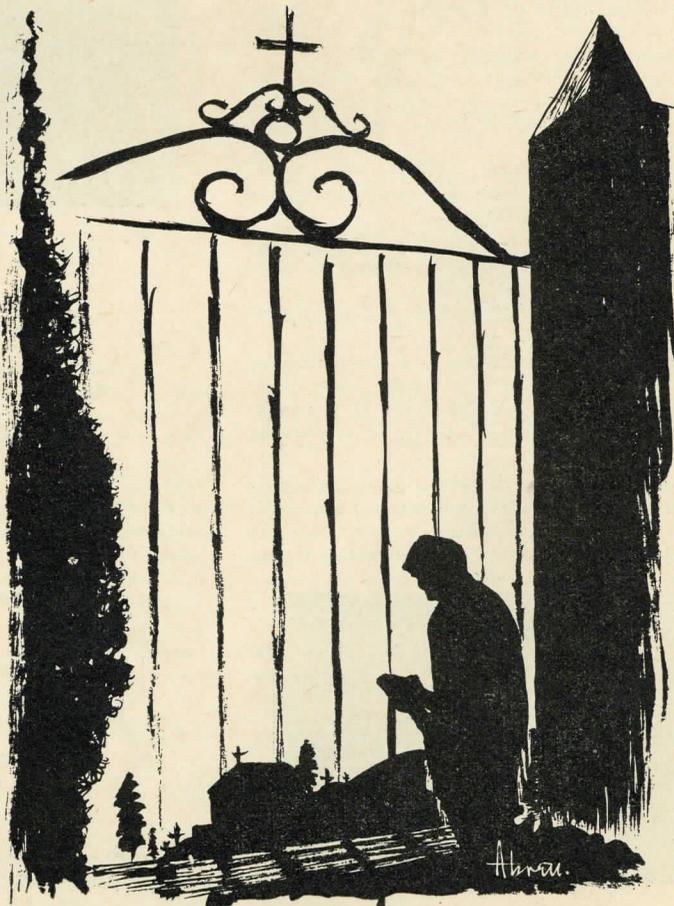
Olho os céus.

Revejo o vulto negro que me veio entristecer. Deixo o adro, onde o povo conversa ruidosamente...

E... procuro a solidão.

Foi há anos. Eu corraera ao Coentral, cioso do prazer que dois escassos dias me facultavam. Era a altura da festa de Nossa Senhora da Nazaré — a mais singela e comovedora romaria a que eu assisti...

E não mais pude esquecer aquela nota de tristeza em tão belo dia de festa.



(Conclui na pág. 23)

TERRA DE EMIGRANTES

por Manuel Henriques

Noites de festa na Serra da Louzã. Fado batido com botas grossas até às tantas:

«O tocador do harmónio
Já merece uma galinha».

Alguém canta noite dentro pequenas quadras cortadas à navalha pela mão rústica, pequenas quadras que às vezes saem do peito turvas, indício já da tragédia lá oculta.

Esta é a terra pobre da gente pobre. É a terra dos emigrantes.

«Eu hei-de ir para o Brasil
Nas ondas do teu cabelo».

E vai, realmente, passados meses ou anos, vai quanto mais não seja em pensamento quando a vida está passada e dela já não resta a esperança. Mas partir, sempre partir, é o sonho do «gaiulo»; com um cravo sangrando na botoeira do casaco de cotim, sempre partir é o sonho do rapaz que foi às sortes ou do moço de pe-dreiro com a pele crestada por barro e cal.

O homem daqui, aproveita o domingo para tomar consciência daquilo que o faz sofrer:

«Corto mato, racho lenha,
Vitória levo «ganhada».
É obrigação que tenho
Para ajudar meu camarada».

E há sempre um tom brejeiro no canto deste homem forte e espontaneamente alegre, a quem nem o desespero consegue de todo naufragar. Com o sangue repartido pelas sete partidas do mundo, separado por mares e continentes, homens a quem a vida difícil não consegue vencer.

Com suas mulheres que ficam esperando a migalha de fortuna que a terra lhes negou, no seio das quais deixam os seus filhos e partem. Seus filhos que desabrocham para uma nova tragédia que se prolonga nos tempos pela mão insensata dos homens, irremediável e fatal.

Mas ao domingo, sim! ao domingo, cantando o fado batido com botas grossas, até às tantas, ele fala de si em pequenas quadras cortadas à navalha, e romeiros da fortuna que lhes foi negada, com um cravo sangrando na botoeira, vão desenrolando o repertório de saudades que mal conseguem discernir. Só os novos, ainda frescos para a vida e sem necessidades que os mereçam, longe de tudo o mais, cantam o amor:

«Oh igreja do Coentral,
Hei-de-te mandar varrer,
Com uma vassoira de prata
Quando me for receber».

...E depois a sós com a distância, quando relembram de longe as coisas queridas da terra, a meninice despreocupada e os tempos do pé descalço

«Ai não me lembrava o Coentral
Nem que tal lugar havia.
Agora, já me não esquece,
Nem de noite, nem de dia».

Terra fria, nas noites frias, com plantas medrosas crescendo famintas por entre as fragas da serra, com os seus homens que faz voltar dos confins do mundo, ricos ou pobres, sempre ciosos da sua rude independência, seus rapazes que às vezes se desancam sem ódio, sem outro motivo que não seja a vida ser assim, que cegos de amor pelas suas mulheres, com um cravo sangrando na botoeira acalentam a esperança que tantas vezes os leva à fortuna e não poucas à morte longínqua na terra dos estranhos.

Esta é a terra pobre da gente pobre.
É a terra dos emigrantes.

Saudades da minha terra

Tenho saudades do Poio
E dos banhos que eu lá tomava
Naquelas tardes de Verão
Em que o Sol escaldava.

Tenho saudades da estrada
Onde eu ia passear
De manhãzinha, à tarde
E à noite pelo luar.

Tenho saudades da Igreja
E da Torre que lá havia
Pois era muito branquinha
E de todo o lado se via.

Tenho saudades da Fonte
Das bicas, junto à ribeira,
Onde as moças vão lavar
E discutir vida alheia.

Tenho saudades da Escola
E de tudo em geral
Do Centro e da Coitada,
Daquilo que é o Coentral.

Eu só não sinto saudades,
— (Tenho que desabafar).
Dos azulejos da Torre,
Que me fazem vomitar!...

JORGE LADEIRA

FRANCISCO SIMOES CLARO

MERCEARIAS FINAS,
VINHOS, TABACOS,
ARTIGOS ESCOLARES, Etc.

COENTRAL GRANDE

SANTO ANTÓNIO DA NEVE Conclusão

DO SEU TURISMO

Dominando o dorso da serra, só lhe fica acima o marco geodésico do Trevim, sito aos 1.200 m aproximadamente. Pertence a capela à freguesia do Coentral Grande estando sob a administração da Comissão de Culto da mesma freguesia, da qual dista poucos quilómetros. Perto do lugar de romaria ficam as demarcações dos limites do concelho castanheirense e, também, do distrito de Leiria. O local é denominado de Cabeço do Pereiro e está, pode dizer-se, isolado da área concelbica a que pertence.

Pelo que tudo indica, a melhor ligação rodoviária para servir o Santo António da Neve seria a partir do Coentral Grande — centro da freguesia — pela encosta que fica a cavaleiro desta povoação, a caminho do alto onde fica a capela do Taumaturgo.

Desta forma ficaria todo o concelho ligado entre si, de norte a sul, mesmo no coração da área, atingindo o óptimo quando se fizesse a construção da já prevista, lançada e iniciada estrada municipal que, partindo da vila, iria direita ao Santo António da Neve, passando pelos lugares da Sapateira, Bolo, Pera, Sarnadas e Coentraís. Isto, a parte norte da desejada via.

Ficava estabelecido um circuito turístico que valorizaria enormemente a região já de si fértil de belezas naturais que prendem a atenção do visitante. Podia o viajante aproveitar este itinerário de aliciente beleza e emoção constante: Coimbra, cidade doutora, menina e moça que o Mondego canta de continuo em arrulhos vibrados nos troncos dos salgueirais. Vales do Mondego, do Ceira e do Arouce. Foz de Arouce com a sua relíquia histórica — o solar do cavaleiro frito em azeite pelos espanbóis. Lousã e os seus campos férteis, o lendário e gracioso castelo entre a ramaria idílica da Senhora da Piedade. A vertente, recortada por regatos queixosos e sombras frescas, do-brando montes, saltando vales. Trevim, antigo altar aos deuses dos romanos, donde a vista se alarga por vastíssimos plainos até afastadas terras da Beira Alta. Santo António da Neve e os seus Poços históricos e curiosos. Coentraís, perdidos entre penedias e verduras sem par, com cascatas de águas espelben-tes onde as saborosas trutas se divertem em seus elegantes entretenimentos aquáticos. Castanheira de Pêra, com as suas fábricas têxteis, o encantador jardim — sem igual no país — e o parque de S. João da Mata. Pedrógão Grande com a sua igreja antiquíssima, as suas tradições seculares ao lado da moderna e imponentes barragem do Cabril, obra monumental a todos os títulos. Finalmente, Figueiró dos Vinhos, terra que Malhoa elegeu e escolheu para se inspirar no manejo incomparável do seu pincel de mestre. Daqui, rumo ao sul ou regresso à cidade universitária pelo Avelar — vila das cinco vilas; Penela, a formosa fortificada; Conimbriga, a mais bela presença dum passado lingínquo; e Condeixa, presa à história, terra de nobres fidalgos.

Impõe-se, sem dúvida, a construção da estrada que ligue o Santo António da Neve ao Coentral Grande. Reclama-o, primeiramente, a romaria garrida e o desenvolvimento turístico do local. Em seguida solicita-o o interesse que há em valorizar toda a Serra da Lousã e a região circunvizinha.

Sabemos que o caso está em curso. Fazemos votos por que, muito em breve, se conclua os factos preliminares e a estrada entre o local turístico e a sede da freguesia seja, quanto antes, uma utilitária realidade. Passarão o Santo António da Neve e os Coentraís a ser pontos de passagem em vez dos becos sem saída que actualmente são.

ÁGUIA DA BEIRA

ATRAVÉS da FREGUESIA

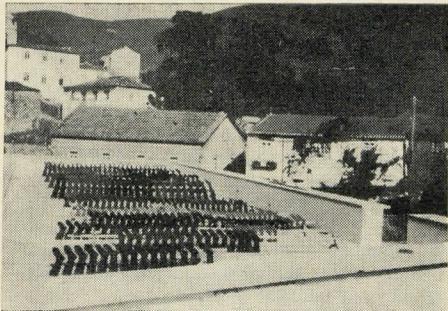
(Continuação da pág. 5)

Assim, por exemplo, é a mesma a estrada que a todos serve; dispõem igualmente dos mesmos meios de transportes; da mesma rede de comunicações postais, telegráficas e telefónicas; o templo onde praticam o culto religioso — a Igreja de



Coentral Grande — Casa onde habitou Julião Pereira de Castro

Nossa Senhora da Nazaré — é comum a todos; e, finalmente, são ainda os mesmos para todos aqueles dias de festa como os de 20 de Janeiro; 13 de Junho e 15 de Agosto, em que a alma dos coentralenses vibra em unísono à volta da ideia da sua terra. Numa palavra: é uma extensa família que vive em casas contíguas, sob os mesmos princípios sociais, morais e religiosos, cujos membros se prezam mutuamente e estão sempre alerta na defesa do prestígio das povoações que, em resumo, tem uma só denominação — Coentral.



Coentral Grandes — Secagem das meias, uma das fases da laboriosa indústria

As suas aspirações

As aspirações são idênticas e cada uma das povoações citadas sente orgulho em ver progredir as restantes.

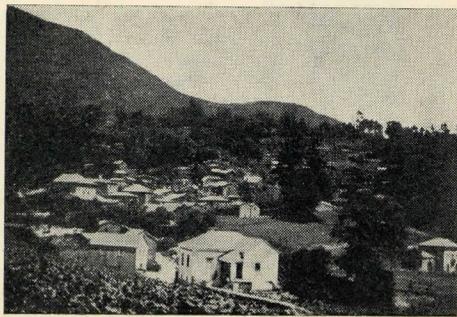
Não vamos falar agora de todas as necessidades que cada qual sente, mas poderemos referir-nos a algumas que nos parecem das mais importantes e que respeitam não apenas à sede mas também às restantes povoações e a todo o concelho. Uma delas seria a abertura da falada estrada que, partindo

daqui até Santo António da Neve, completaria o circuito turístico da Serra da Louzã, que actualmente está sendo grandemente valorizado pela localização, em plena serra, de instalações de radar, televisão, etc., tornando assim o Coentral um ponto de passagem de certo movimento e abrindo, conseqüentemente, óptimas perspectivas ao progresso desta freguesia e região.

Este é, na verdade, um dos mais importantes problemas cuja solução a sobrevivência e desenvolvimento da nossa terra reclamam com maior insistência. Da sua realização resultariam, inevitavelmente, maiores facilidades de transportes — uma grande falta que ora se verifica e que atrofia o desenvolvimento da indústria e comércio locais — além dos múltiplos benefícios que proporcionaria à economia deste meio; o que, de certo modo, poderia contribuir para que, ao êxodo de gente que se tem verificado para os grandes centros, venha suceder uma era de melhores auspícios, garantindo à maioria dos coentralenses, no seu meio, as condições de vida que se vêem obrigados a ir procurar em terras estranhas.

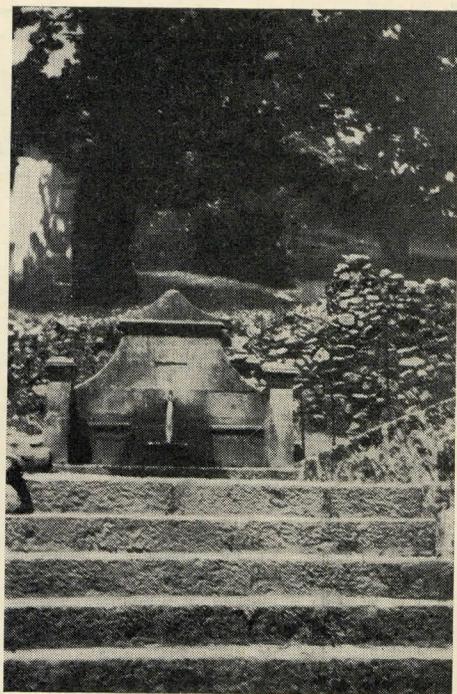
Quando se tiver conseguido sustar devidamente essa corrente emigratória, fixando aqui o maior número possível de nossos conterrâneos, sem prejuízo da vida progressiva a que aspiram e que por direito lhes pertence, ter-se-á dado um passo decisivo, não só no sentido de garantir a continuidade que a há-de transformar num meio onde a vida será menos difícil, portanto mais agradável, mais compensadora.

Outro melhoramento, importante também para esta freguesia e para o concelho, relaciona-se com a construção da estrada da Ribeira de Pêra que, partindo do lugar do Bolo, terminaria na sede desta freguesia, passando por Pêra, Pisões e Sarnadas. Este assunto, que aliás já tratámos por mais de uma vez nas colunas de «O Castanbeirense» — o jornal da nossa região — está já entregue às autoridades competentes e, segundo nos informam, a caminho de realização definitiva — facto com que nos regozijamos e que nos dispensa por isso de pormenorizarmos.



A electrificação de Coentral das Barreiras e Coentral do Fojo

Independentemente das necessidades colectivas enumeradas, há uma que respeita apenas ao Coentral das Barreiras e Coentral do Fojo. Esta é, nada mais, nada menos, que o problema da electrificação das duas povoações que, não obstante o mesmo melhoramento haver sido inaugurado na sede da freguesia, de que dista uns escassos dois quilómetros, há mais de 20 anos, jazem ainda na penumbra quando a noite lança o seu véu escuro sobre a terra. Entretanto, sabemos que o assunto está sendo devidamente ponderado pela nossa ilustre Edilidade, pelo que apenas nos resta formular sinceros votos por que muito em breve ele possa tornar-se realidade.



Coentral das Barreiras — Chafariz

Camelo e Carrigal

São as povoações mais afastadas da sede da freguesia.

Tal como as restantes, têm as suas necessidades, e estas não são de menor importância em resultado da situação geográfica que ocupam.

Com efeito, pode dizer-se que uma e outra estão quase isoladas do resto do mundo. Não têm estrada; não têm luz; não têm telefone. Apenas o correio lá chega.

Vive-se ali com acentuada dificuldade por falta de elementares comodidades. Mas o bairrismo dos seus habitantes não lhes permite que a abandonem. E, vencendo mil e uma dificuldades, ei-los a trabalhar afano-

(Conclui na página seguinte)

Através da Freguesia — (conclusão)

samente pelo engrandecimento do torrão natal.

Na primeira daquelas povoações — o Camelo — surgiu recentemente um movimento de renovação de que muito está beneficiando a localidade.

A actividade desenvolvida pela sua Comissão de Melhoramentos é na verdade digna de registo. Mercê da sua acção foi possível a reconstrução da velha capela, com o seu antigo e privilegiado altar que foi conservado. No local onde existiu o inestético templo surge agora uma linda e atraente capelinha de linhas modernas e de dimensões mais amplas.

Por iniciativa daquela Comissão e de colaboração com a Câmara Municipal do nosso concelho que lhe tem prestado o melhor apoio, está-se a proceder presentemente à captação de águas e construção de chafarizes na povoação, estando as obras quase concluídas. Após elas, ficará o povo daquele lugar dispondo de três marcos fontenários para abastecimento de água.

A localidade está isolada, como dissemos, e por isso impõe-se, como da mais instante necessidade, a construção de uma estrada macadamizada que a sirva.

A Comissão referida, constituída pelos Srs. Virgílio dos Anjos Alves, Miguel Paulo e Feliciano Antão Cortez, respectivamente presidente, secretário e tesoureiro, e Manuel Bernardo das Neves e Carlos Henriques Barata, Júnior, como vogais, fez, em relação ao problema da sua estrada, as necessárias «demarches» junto das autoridades compe-

tentes, existindo já o necessário estudo. Partirá, segundo consta, do lugar do Bolo, e servirá na sua passagem o Carriçal. Este será o próximo importante ponto a atingir.

Depois... depois será a abertura de uma ramificação da citada estrada, destinada a ligar as duas povoações — Camelo e Carriçal — com a sede da sua freguesia de maneira rápida e cómoda — problema que aliás está sendo também, segundo cremos, objecto de estudo por parte do nosso Município.

Oxalá assim suceda e com a brevidade que aquele povo anseia para que se possa ir elevando gradualmente ao lugar a que aspira e que por direito lhe pertence.

•

Terminando as considerações em relação às povoações que constituem a freguesia do Coentral, resta-nos apenas reafirmar a nossa fé nos destinos da Nossa Terra. As virtudes da sua gente souberam elevar-lhe o prestígio no passado, estão-na engrandecendo no presente, e — cremos bem — hão-de continuar o seu progresso e manter a sua reputação no futuro.

Por isso não será descabido rematarmos com esta peremptória afirmação:

— O Coentral foi, é, e será sempre, uma terra de filhos dedicados — uma Terra de Bairristas!

ALVES BARATA

Certeza

Vamos, vamos
Pobre corpo moribundo
Alento na caminhada;
No caminho que trilhamos
Há para nós outro mundo,
Além na curva da estrada,

O mundo calmo da morte
Da sombria solidão
E da calma e doce paz.
Depressa que o vento norte
Já me entra no coração
E eu sinto o frio que traz

Vamos, vamos
Alento na caminhada
Que a morte espera por nós
No caminho que trilhamos,
Além da curva da estrada,
Eu já oiço a sua voz

Certeza que nos espera
Longos dias longa idade
Que esta vida não perdura
Esta vida que é quimera
Porque a triste realidade
Está na fria sepultura

JOSÉ GRACIO

À JUNTA DE FREGUESIA DO COENTRAL E À COMISSÃO DO CULTO

apresentamos os nossos melhores
agradecimentos pelo apoio e
patrocínio que nos facultaram.

«O CASTANHEIRENSE»

«COENTRAL, TERRA DE ENCANTOS», ao aparecer em público, numa firme intenção de pugnar pelos interesses da freguesia do Coentral, cumpre gostosamente o dever de saudar com efusão o órgão regionalista «O Castanheirense», que tão denodados esforços tem desenvolvido em favor do nosso concelho.

**M A N U E L
C A R V A L H O**

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS S. ROMÃO (SEIA)
FÁBRICA DE TAPEÇARIA-LOUSÃ

TELEFONES 485 e 9263

TAPETES, CARPETES, PASSADEIRAS
TIPOS LOUSÃ E UNIVERSAL

CARDAÇÃO, FIAÇÃO, TINTURARIA
MEIAS, PEÚGAS E SOUQUETES

PASTAS PARA ALFAIATE
MALHAS E COBERTORES

Recordando

(Continuação da pág. 9)

Este, usando da palavra, exterioriza o seu contentamento por vez realizado tão importante benefício, e, em nome dos seus patricios, agradece ao digno chefe do distrito a subida honra que lhes concedeu em visitar a sua humilde terra numa hora de tão intenso regozijo para todos, mostrando assim desejar associar-se ao seu contentamento pela importante obra que vem de ser inaugurada.

Põe em realce o auxílio prestado para a realização daquela obra, pelo sr. Manuel Antunes Cepa, que, com sacrifício da sua bolsa particular, foi incansável na sua coadjuvação.

Salienta, com o maior orgulho, o desinteresse e abnegação de todos os coentralenses puseram na consecução daquela valiosa obra e agradece também o subsídio que a Câmara lhes concedeu.

Alude à união que sempre tem caracterizado aquele bom povo, honesto e trabalhador, e está convencido de que o melhoramento inaugurado será o início de outros, para ressurgimento da freguesia, que bem merece a protecção dos poderes públicos, pois é um povo que deseja trabalhar e progredir, como tem dado provas bem concludentes.

Passa a referir-se, agora, a uma instantânea necessidade daquela terra: a colocação, ali, de uma professora. Estando presente o sr. inspector escolar, confia em que s. ex.^a lhes saberá fazer justiça, deferindo tão justa petição. Pede também ao sr. governador civil o seu auxílio nesse sentido, com a certeza antecipada de que os coentralenses lhe saberão ser gratos e reconhecidos.

Termina afirmando que a freguesia do Coentral está integrada na actual situação política.

Calorosas vivas e apoios sublinham estas palavras do orador.

Depois do sr. governador civil, em breves palavras, agradecer as palavras que acaba de ouvir, de aplauso à obra da Ditadura, cujos benefícios já chegaram àquela linda recanto de Portugal.

Põe em destaque, mais uma vez, o auxílio da bolsa generosa dos coentralenses, e significa-lhes o alto apreço em que tem o seu belo exemplo de bairrismo em prol da sua estrada, contribuindo para ela com dinheiro e trabalho.

Regozija-se, de novo, pelas afirmações de lealdade que lhe foram dadas por aquele povo. Dizia-se — afirma — que a freguesia não estava ao lado da Situação, mas as palavras do sr. Eugénio Machado são um desmentido formal a esses boatos.

Salienta o exemplo nobilíssimo daquele povo, na união que demonstrou para conseguir o melhoramento agora inaugurado, e deseja a todos as melhores prosperidades, assegurando-lhes a sua melhor boa vontade e o seu decidido auxílio.

Quanto à instalação da escola feminina, afirma que o sr. inspector-chefe tem este assunto a seu cuidado e por isso pode declarar, com a maior satisfação, que o povo do Coentral terá muito em breve a sua escola a funcionar.

As últimas palavras do ilustre chefe do distrito foram acolhidas com o maior agrado.

Fala, a seguir, o sr. tenente Paulo Vieira Amado, presidente da comissão municipal da União Nacional de Leiria. Sauda o povo progressivo do Coentral, que deu uma prova evidentiíssima de que está ao lado da Ditadura.

Portugal — diz — vive uma era nova e em toda a parte o povo ressurge trabalhando para um melhor aperfeiçoamento e engrandecimento.

Sauda a comissão municipal da União Nacional de Castanheira de Pera e levanta vivas à Pátria e ao sr. governador

NA SEDE DO CENTRO COENTRALENSE, O SR. GOVERNADOR CIVIL É ALVO DE NOVAS DEMONSTRAÇÕES DE APREÇO

Organiza-se, em seguida, um cortejo em direcção ao Centro Recreativo União Coentralense.

A filarmónica executa uma vibrante marcha, e os foguetes estrolejam constantemente no espaço.

Na sede daquela prestimosa colectividade, a quem os Coentrales devem inestimáveis serviços, é servido champagne aos ilustres visitantes e a toda a enorme assistência.

Na mesa de honra, preside o sr. governador civil, ladeado pelo sr. presidente do Município e pelo sr. comandante da Região Militar.

Trocam-se efusivos brindes, sendo muito vitoriado o ilustre chefe do distrito, a União Nacional e o governo da Ditadura.

O sr. Eugénio Machado, dirigindo-se ao sr. governador civil, pede o seu concurso a favor daquele povo, principalmente no sentido de ser instalada uma escola feminina na sala onde se encontram e que já em tempo serviu para o funcionamento de uma escola particular, custeada única e exclusivamente a expensas do Centro e que foi extinta por ordem superior com o fundamento em motivos políticos que nunca estiveram no ânimo da referida colectividade, pois apenas os animava o desejo de ser instruídos os seus filhos que jaziam no obscurantismo.

O Estado — diz — nada dispndia com essa escola e por isso constituiu uma verdadeira arbitrariedade o seu encerramento.

Recorda esse facto com o maior pesar e diz que, quando ele se deu, encontrava-se no Congo Belga. Ao receber ali tal notícia — afirma-o comovidamente — sentiu uma profunda mágoa, a maior desolação, por ver o seu berço natal esbulhado dessa regalia, que teve o seu início em 1912, com a grande força de vontade que animava todos os coentralenses espalhados por Lisboa, África, América, etc. Evoca as festas que todos os anos se faziam em 31 de Agosto para distribuição de prémios às crianças com melhor aproveitamento e diz que nesse dia o Coentral vivia uma horas felizes, alegres, patenteando todos a boa união que sempre existiu naquele povo.

O sr. Manuel Boaventura, inspector-chefe da região escolar de Leiria, brinda pelas prosperidades do povo do Coentral e faz a promessa categórica de que em breve ali será criada uma escola feminina.

Fala a seguir, o sr. dr. Marcolino da Silva, que levanta a sua taça pelo povo do Coentral. Felicita-se por tomar parte no seu justo regozijo naquele momento, e felicita os habitantes da freguesia pelo melhoramento que vão passar a usufruir. Põe em foco a união dos coentralenses, bem evidenciada naquela grandiosa obra que fica a atestar o enorme esforço por eles dispendido.

Termina saudando mais uma vez o sr. governador civil.

O sr. Domingos Manuel Machado, significa ao ilustre chefe do distrito que encontra naquele povo uma freguesia leal, como não terá nenhuma no seu distrito (Muitos apoiados).

O Coentral — diz — é um povo laborioso e espera que o sr. governador civil olhe para ele com carinho.

E a seguir entrega a s. ex.^a uma artística pasta, como recordação da freguesia.

O sr. Paulo Amado ergue a sua taça pelo povo e pela futura escola do Coentral, onde as meninas daquela terra irão aprender a formar o seu espirito. É pela instrução — afirma — que a mulher portuguesa se tornará cada vez mais perfeita.

Fala, agora, o sr. Ventura das Neves, a quem o progresso da sua terra tem merecido o seu melhor auxílio, encontrando-se sempre na brecha para a levantar ao nível a que tem jus.

Refere-se ao carácter dos seus con-

AGONIA E MORTE DA TERRA COENTRALENSE ?

Há quantos séculos existe o Coentral? Difícil precisar a sua fundação. Há nele vestígios da dominação romana que teve em Pedrógão Grande desenvolvida urbe. É provável que, estabelecida a passagem por estes sítios duma via romana, no lugar que é hoje a povoação tivesse existido qualquer refúgio para os dias em que a tempestade surpreendia os viandantes.

Espalhados por aqui e além há documentos que nos dão notícias desta terra mas todos posteriores ao século XV. É possível que um dia, porém, alguma coisa se nos revele dos seus pergaminhos anteriores a essa data; certezas que confirmem o que hoje é apenas dedução.

Pertencente ao concelho de Pedrógão Grande, foi, juntamente com a freguesia de Castanheira, à qual pertencia desde 1500 e tal, curato da apresentação do cabido da Sé de Coimbra. Pelos fins do século XVI o brio dos coentralenses construiu igreja e conseguiu constituir-se em freguesia por desanexação da de Castanheira de Pera. De 1895 a 1898 pertenceu ao concelho de Figueiró dos Vinhos e, a partir de 1914, deixou de pertencer ao de Pe-

drógão para fazer parte do então criado concelho de Castanheira de Pera. Foram donatários destes sítios os Condes de Redondo e, no Coentral, nasceu a figura prestigiosa de D. Agostinho Barreto, Bispo do Funchal. Aqui residiu Julião Pereira de Castro neveiro de D. José I, a que noutro artigo nos referimos. Infere-se, do que fica dito que o Coentral não é terra anónima entre as terras da região. E conclui-se que sempre, os seus filhos, procuraram desenvolver o terrunho natal, ganhando-lhe novas eras de vida.

Durante séculos o seu povo viveu aqui, todo entregue ao amanho das terras, esperando que, no Outono, dos castanheiros frondosos e verdejantes, uma chuva de castanhas fosse aliviar, de certo modo, qualquer dificuldade financeira, com o produto da sua venda nos mercados vizinhos.

E um dia, não sei quando, o espírito inventivo da gente deu-se a uma indústria caseira, modesta, artesano na sua base, e que, pouco a pouco, se tornou um comércio que vai ganhando mercados e a muitos lados se vai chegando. A confecção de meias. Deste modo a actividade humana encontrou nova fonte de riqueza moral, familiar e social que garantiu desenvolvimento à terra. E era assim no romper deste século, mais ou menos.

Porém, uma onda infrene de vertigem atingiu as sociedades de hoje. Os homens não se compadecem com o crescimento lento das plantas; não se conformam com a morosidade dos trabalhos agrícolas. Daí uma fuga louca para as cidades, para os grandes centros que asfixiam de gente, que desbordam braços inactivos, que invertem os valores humano e mecânico.

Eu sei que também conta a incerteza da subsistência nos meios rurais, que a vida no campo é mal remunerada e sem uma garantia sequer. Sei, e sei também que não é sòmente esse facto mas, sobretudo, a procura sem freio do menor esforço.

O Coentral foi atingido em cheio por esta furiosa corrida. Firme na encosta da serra, embalado por águas cristalinas, ao som de trinados de aves cantoras, entre penedias e verdura de sonho, tem sido abandonado, trocado pelas capitais, pelos meios cosmopolitas. É pena que estas terras saudáveis e fecundas sejam votadas ao abandono. E o Coentral tem, sobre si, pesada e negra sentença de extinção se as coisas continuam como agora.

É pena. Não só aos Governos compete o dever de procurar garantir ao homem do interior, meios de vida mais sólidos, atractivos no seu torrão berço; também a todos se impõe o dever dum sacrificio pelo amor da terra mãe. E esse será o de ficar debruçado sobre ela, trabalhando-a com afino e carinho para que ela nos dê o muito de que precisamos.

Consideração final: as cidades não poderão comportar a invasão dos que vêm do interior na forma como actualmente se faz. Mas, admitindo que sim, quem trabalhará os campos um dia? Como arranjar o pão que os das capitais consomem?

râneos, incansáveis e unidos quando é preciso fazer progredir a sua terra. E foi essa união — frisa com entusiasmo — que o obrigou a vir naquele dia de Lisboa, juntamente com outros amigos, assistir à festa que estavam celebrando.

Agradece ao sr. governador civil a sua vinda a tão humilde freguesia, e diz sentir o maior prazer em ver s. ex.^a naquela santa casa onde se encontra e que constituiu um padrão de glória para os coentralenses, pobres sim, mas trabalhadores e honrados.

Recorda a fundação do Centro e os melhoramentos que ali tem feito, entre eles o calcetamento das ruas com o auxílio do povo, e lembra a época em que se começou a pagar 1 tostão de quota por mês.

Exteriorisa o regozijo de que se acha possuído, pois agora acabou a tristeza que de todos se apossava quando se viam obrigados a deixar, além, a estrada de macadam para seguir a pé ou em carro de bois para aquela sua terra.

Com calor: — Agora, já nos vimos apear à nossa terra, à porta da nossa casa.

O sr. Adelino Luís Caetano, presidente da junta de freguesia de Castanheira de Pera, saudá também o povo do Coentral pelo melhoramento que agora obteve.

Usa, a seguir, da palavra, o sr. Jesuíno Tomás. Apesar da sua avançada idade, não quer deixar de manifestar o entusiasmo que ele nota em todos os seus patricios — velhos e novos.

O melhoramento da estrada constiuu uma glória para todos, pela rapidez com que foi levado a efeito. Elogia a acção de Manuel A. Cepas (pai), que teve um papel preponderante naquela obra e endereça-lhe as suas mais calorosas saudações.

Por fim, levanta-se o sr. governador civil.

S. ex.^a afirma que aquele dia ficará gravado na sua memória e no seu coração, como um dos mais gratos da sua vida.

Veio visitar — diz — não um povo humas um povo grande e nobre, pelo tramilde, como há pouco acabou de ouvir, balho e pela união de que tem dado sobejas provas e ainda pela sua dedicação à Pátria e à Nação.

Agradece a pasta que em nome da freguesia lhe foi entregue e frisa que ela irá ser colocada na sua secretária, bem ao alcance da sua vista, o que será penhor seguro de que ele jamais se esquecerá daquele dia e da hora feliz em que ali veio.

E saudando o povo do Coentral, a quem deseja as maiores prosperidades, refere-se ainda com palavras de homenagem ao sr. Manuel A. Cepas.

A pasta oferecida ao sr. dr. Manuel Ribeiro Ferreira, tem gravadas as iniciais de s. ex.^a e a data de 3-1-932.

MACHADO, MARQUES & C.^A
SEDE — 16, Martim Monis, 20 — Tel. 28688
SUCURSAL — José Falcão, 20-A — Tel. 57642
LISBOA
PERFUMARIA
DROGARIA
SABOARIA

DA TRADIÇÃO COENTRALENSE...

por MANUEL A. BARATA

Nós, como todos aqueles que tiveram a felicidade de passar a sua juventude no Coentral, tivemos oportunidade de observar, de viver e até certo ponto, compreender o espírito alegre e sadio deste bom povo serrano. E esse espírito manifesta-se não só nos dias de descanso e folia, como também, no meio dos trabalhos de toda a espécie, que neste meio é mister realizar.

Sim, nós vimos e acompanhámos ranchos de rapazes e raparigas, que se dirigiam para aquilo que é considerado um dos terrores da nossa terra: o mato e a lenha. Como havia alegria no meio de todos! Nem a íngreme serra que indubitavelmente tinham de subir em demanda do local onde o mato fosse mais abundante, nem a lembrança de terem de cortar, compor e transportar um feixe, lhes abrandava o entusiasmo. E, embora todos se empenhassem numa espécie de competição, que consistia em arranjar o seu «molho» o mais rápido, o mais volumoso e o mais perfeito possível, isso não impedia que do peito das sadias raparigas saíssem os mais típicos «cantares» ao desafio, ou em conjunto: umas produto da sua imaginação; outras, por sugestivas, de tradição popular. Todas elas eram ouvidas com agrado e curiosidade pelos nossos rapazes, dando ensejo aos mais lisonjeiros comentários.

Ali, a meio da encosta, com o Coentral a nossos pés, ouvimos as seguintes quadras:

Adeus, ó Doce Coentral
Quando me há-de esquecer?
Quando o mar não tiver água
Nem eu olhos para te ver

Adeus querido Coentral
Não és Vila nem Cidade
És terra bem pequenina
Onde brilha a mocidade

Senhora da Nazaré
Linda imagem, lindo rosto
Lá vai ter a sua festa
No dia 15 de Agosto

Num desses dias, um pastor que a distância assistia a este desfilar de

«cantigas», fez ouvir a sua forte e bem timbrada voz, que nos chegou aos ouvidos desta maneira:

Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado
Tenho uma nódoa no peito
De me encostar ao cajado

O que acontecia na serra dava-se também no povoado.

Assim, quem no Verão vá à «Fonte das Bicas», onde encontramos a água mais fresca da terra; desça à «Fonte do Meio»; passe pelo «Porto»; suba à «Ribeira de Ladeira»; pode encontrar aí à sombra de frondosos castanheiros, grupos de lavadeiras de todas as idades, que enquanto batem a roupa nos polidos «batedouros», se entregam às mais sugestivas «cantigas», reinando ali uma comunicativa alegria provocada pelas quadras que se seguem:

Meninas do rio triste
Venham lavar ao alegre
Que a água do nosso rio
Faz a roupa como a neve

O Sol anda e desanda
Para no Ocaso se pôr
Eu não ando nem desando
Sou leal ao meu Amor

Atirei com um limão verde
P'rá ribeira dos Coentrais
Para ver se me esquecias
Cada vez me lembrás mais

Eu já vi nascer o Sol
Numa ribeira de prata
Quando o Sol me não escapou
Já coisa alguma me escapa

Pus-me a chorar ao pé d'água
Lágrimas de sentimento
A mesma me respondeu
Nada cura como o tempo

O mesmo sucede, ainda que de baixo de Sol ardente, quando procedem à sacha, à rega, ou às descamisadas do milho, onde já lhes ouvimos as seguintes quadras, que vêm mesmo a propósito:

Minha mãe case-me cedo
Enquanto eu sou rapariga
O milho sachado tarde
Não dá palha nem espiga

Toda a noite canta, canta
Lá na fonte o rouxinol
Nós cantamos todo o dia
Do nascer ao pôr-do-Sol

Já tomara cá o Verão
Tempo das descamisadas
Para dar ao meu Amor...
Duas castanhas assadas

E no baile?

Eram ali que ao Domingo, depois de uma semana de labuta, a gente moça se reunia para dar largas à sua alegria. Eles, graciosos nos seus vestidos garridos que faziam realçar a sua beleza. Eles impecáveis nos seus fatos de corte moderno!

Embora as músicas antigas tivessem dado lugar às modernas, ainda assim, e principalmente em dias festivos, em que se reunia a maior parte da população, havia sempre lugar para o inconfundível e tão característico «fado mandado». Era através dele que as vozes mais afamadas se faziam realçar. Realmente, a música produzida por um conjunto de banjos e guitarras, ou do clássico «harmónio»; as ordens firmes do «mandador» que ecoavam por toda a casa e que eram prontamente obedecidas pelos pares dançarinos — não fossem classificá-los de «serradores» — convidavam a cantar. Já de todos os lados partiam incitamentos para os habituais cantores entrarem em acção. O entusiasmo atingia o auge e os sorrisos de simpatia desenhavam-se em todos os lábios quando o som isolado, quase solene, da voz que se erguia — geralmente cantadeira — começava com uma quadra como esta:

Agora começo eu
A cantar se souber
Não sei ao que me arrisco
Será o que Deus quiser

Quando não havia resposta pronta, a mesma insistia:

Ajudai-me ó raparigas
Ajudai-me ao menos uma
O cantar e ser alegre
Não é desonra nenhuma

Nesta altura a resposta não se fazia esperar e assim começava um vai-vem de «cantigas» animadas que contagiavam velhos e novos.

★

O que vimos descrevendo verificava-se noutros tempos em que era menor o número dos que abando-

navam a sua terra para ir tentar vida melhor noutros meios. Novos tempos, hábitos novos; e assim é já mais raro constatar-se estas sãs maneiras de exprimir a alegria. Presentemente existe no Centro uma aparelhagem sonora que, através da sua colecção de discos, transmite músicas próprias para dançar, que são muito apreciadas pelos rapazes e raparigas deste meio. Mas ainda acontece, em dias de festa ou outros em que a animação impera, aparecer um ou outro partidário do velho «fado» que reclama a sua presença, e então reconstitui-se essa tradicional «dança» em ambiente que em muito se deve assemelhar ao que em tais condições se verificava nos velhos tempos. No Coentral Pequeno mantém-se a tradição.

Pretendemos assim relembrar aos que há muitos anos daqui partiram, alguns passos da vida de que foram testemunhas; e, dar a conhecer aos novos, a leves traços, alguma coisa do folclore da nossa terra.

CABINDA

Conclusão da pág. 18

Últimos tempos pudemos contar com alguns melhoramentos, aliás dignos de registo, como sejam: Edifício dos Correios e Telégrafos; Administração do Concelho; Novo Hospital; Ponte-Cais; Condução de Águas e Electricidade.

A sua rede de estradas é vasta, mas estas encontram-se em mau estado, dificultando a drenagem, no interior, das suas madeiras e restantes produtos.

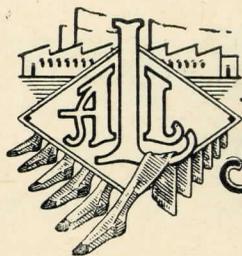
Entretanto, graças às providências de Sua Ex.^a o Governador Geral, encontra-se já entre nós uma brigada que vem proceder ao estudo das estradas do Enclave.

Espera-se também que dentro em breve se façam prospecções nas zonas onde dizem haver vestígios de petróleo e que são: Maiombe e Tando Zinze, estando também em perspectiva os asfaltos do Maiombe e os fosfatos das regiões de Tando Zinze e Lico.

Há portanto razões para crer num maior desenvolvimento desta terra onde, desde há muitos anos, um apreciável número de coentralenses vem exercendo a sua actividade.

Cabinda — Julho de 1956.

ARTUR H. SERRANO



Antonio Lopes Ladeira

FABRICANTE DE MEIAS
PEUGAS E LUVAS DE LÁ

COENTRAL • CASTANHEIRA DE PERA



Agência Bento

(Fundada em 1919)

PASSAGENS

MARÍTIMAS E AÉREAS

E

PASSAPORTES

E VISTOS CONSULARES

PARA TODO O MUNDO

//

Inscrita na I. A. T. A.

10—RUA NOVA DO CARVALHO—14

Tel. 21419 — Teleg. «Agebento»

L I S B O A

COENTRAL, terra de encantos

(CONCLUSÃO)

alvura caída do céu. Houve prejuízos, é certo. Mas a paisagem ficou impressionante; o extenso lençol cobriu tudo em derredor.

Em 26 de Fevereiro deste ano podia ler-se no «Diário de Notícias»:

A neve fez parar o relógio da torre da igreja de Coentral Grande

«Coentral Grande, 25 — Depois da intensíssima vaga de frio e fortes camadas de geada, veio a neve. Desde há dois dias que as serras começaram a cobrir-se de neve. As estradas e caminhos, bem como as ruas desta localidade, ficaram atulhadas, dificultando o trânsito. Por esse motivo não tem havido distribuição de correio e faltou a energia eléctrica, que ainda não pôde ser restabelecida, visto ter-se partido um grande poste de ferro da linha de alta tensão da Companhia Eléctrica das Beiras. O relógio da torre desta freguesia parou também devido à neve, que, acumulando-se em frente do mostrador, interrompeu a marcha dos ponteiros».

COENTRAL

O Poio, recanto semi-escondido, oferece frescura e beleza

PORTUGAL, terra de encantos

Nunca poderei deixar fenecer este amor arreigado no meu peito por essa terra ignota que venho de descrever.

Mas... por esse país fora espalham-se inúmeras belezas quase desconhecidas. A Natureza não foi avara para com Portugal. Aqui, tudo se conjuga para completar um quadro de inigualável harmonia estética. Tudo concorre para nos estimular a sensibilidade.

Como não há-de ser Portugal um país de poetas?

Exaltemos, pois, as nossas paisagens, entoando hōsanas ao Criador.

Ai de nós, que um dia perderemos esta luminosidade portuguesa. Mas, se é certo que nós partiremos um dia... Portugal — disse estou certo — jamais deixará de ser uma TERRA DE ENCANTOS.

HERLANDER MACHADO

A Serra da Lousã numa carta

CONCLUSÃO

Contudo, depois de muita discussão e cálculos, assentou-se que seguiríamos a linha traçada entre dois planetas mais notáveis. E fomos felizes, querida amiguinha. Cerca das 23 horas, estávamos à porta do nosso acampamento. Enchemos uma cafeteira de neve, para fazer café. A muito custo, mantivemos acesa, toda a noite, uma fogueira, para amansar o terrível frio glacial, polar, que rosnava sem piedade. Se é exacto que a beleza é feita de variedade, bem me parece que, naquela data, gozei a beleza, elevada ao último expoente, entrando em conta o dia e a noite que na serra da Lousã eu vivi.

Ao outro dia, de manhã, foi a visita António da Neve». Junta todos os laudatórios que por aí deixo espalhados e multiplica-os e terá essa pérola de valia incalculável que faria o orgulho de muitas zonas turísticas.

Mas, porque esta carta já vai desusadamente grande e maçadora, falar-te-ei, na próxima, sobre esse altar branco que fornecia antanho o gelo para a corte portuguesa.

Já na camioneta, para Coimbra, ao vê-lo, espreitei os desejos de, futura-

mente, ir apreciar demoradamente o romântico e belíssimo castelo da Lousã — um sonho de fadas!

— Não me perguntes opiniões da visita que me proporcionaste, Ladeira.

— Ah! Vês aquela velhinha? — Emendou ele. — Vem comigo lá falar-lhe.

Lenço na cabeça, chaile ao tiracolo, saia de balão, feita de dez mil pedaços diversos, devia ter setenta e tal anos, que bem o testemunhava a renda de sulcos que burilava aquele rosto queimado de bronze.

— Vossemecê não era que andava ali, na festa, outro dia, a dançar com um velhinho? — perguntou-lhe o Ladeira, familiarmente.

— Não, meu senhor. Eram os meus pais.

Conheces esta gente da serra, minha Riette, que, aos noventa anos, ainda pula o vira?

Desta feita, aí envio, para a tua colecção de postais ilustrados, mais este daquela terra tão portuguesa. É com indizível saudade que o oferece o teu muito dedicado

FRADIQUE F. DE ALMEIDA

Anselmo Miguel

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

Fazendas de todos os tipos

para senhora e homem.

Especialidades em xales.

LOUSÃ

António da Silva Ferreira

Comerciante e Industrial

Proprietário do **GRANDE HOTEL,**

da **GRANDE PADARIA MODERNA,**

e **CASA DE COMÉRCIO GERAL,**

Instalados em três modernos edifícios.

CABINDA — LANDANA

SERRANO & OLIVEIRA, SUCESSORES

CABINDA

CAIXA POSTAL N.º 20

Endereço telegráfico: «Serrano»

SUB-AGENTES PARA O ENCLAVE DE CABINDA

da

Shell Company of West Africa, Ltd.



COMÉRCIO MISTO EM **CABINDA E TANDO ZINZE**

PROPRIETÁRIOS DAS FAZENDAS AGRÍCOLAS **MANUELA E CUNGA**



PRODUTORES DE
CACAU, CAFÉ, MADEIRAS,
ÓLEO DE PALMA E COCONOTE

A subscrição que proporcionou a compra e beneficiação da capela de Santo António das Neves

Joaquim Ferreira	1.000\$00
Olimpio Caetano	1.000\$00
João Bernardo	1.000\$00
Manuel Alves Cepas	1.000\$00
José Maria Barata	1.000\$00
Dr. Francisco de Medeiros Galvão	1.000\$00
José Diamantino Barata	500\$00
Francisco Agostinho Pena	500\$00
José Bento	500\$00
Artur Henriques Serrano	500\$00
Domingos Manuel Machado	500\$00
Manuel Dinis	500\$00
Albano Dinis	500\$00
César Carvalho	500\$00
Agência Bento	500\$00
João Joaquim Tomás	500\$00
Franklin de Jesus Galante	500\$00
Eugénio Domingos Machado	500\$00
Padre Américo Marques	500\$00
Manuel Fernandes	400\$00
Manuel Carvalho	300\$00
José Carvalho	300\$00
Ramiro dos Santos Simões	200\$00
José Bernardo «Sustância»	200\$00
Joaquim Simões Coelho	200\$00
José Fernandes	200\$00
Joaquim Alves «Arameiro»	200\$00
José Henriques Serrano	200\$00
José Simões Bernardo	200\$00
Joaquim Carvalho	200\$00
Joaquim Bernardo das Neves Jr.	200\$00
Casa Estaque, Lda.	200\$00
Perfeito Alves	200\$00
José Lopes Barreto	200\$00
Diamantino Barata	250\$00
Pedro Henriques	250\$00
Aurélio Tomás	250\$00
Alpoim Lopes de Carvalho	150\$00
Francisco Henriques Miranda	150\$00
Manuel Henriques Miranda	150\$00
Manuel Miguel Boiça	150\$00
Artur Miguel	150\$00
José Simões Claro	150\$00
Manuel Barata Júnior	150\$00
Filhos de Ventura das Neves	150\$00
Joaquim Caetano	150\$00
Armando Caetano Simões	100\$00
Abel da Silva	100\$00
Fernando Lopes de Carvalho	100\$00
Manuel Caetano Simões	100\$00
Manuel Fernando Neto	100\$00
Alfredo Bernardo Antunes	100\$00
José Bernardo Antunes	100\$00
Diamantino Fernandes	100\$00
Manuel Machado Agostinho	100\$00
Adelino Antunes	100\$00
Américo Antunes Claro	100\$00
Manuel das Neves	100\$00
Artur Simões	100\$00
Anibal Bento	100\$00
Augusto Miguel	100\$00
Joaquim Fernandes	100\$00
Manuel das Neves	100\$00
Manuel Fernandes Miranda	100\$00
Gustavo Barata	100\$00
Albino Machado	100\$00
António Carvalho	100\$00
Manuel Bernardo Barata	100\$00
Alberto Henriques Miranda	100\$00
Abílio Ferreira	100\$00
Mário Lopes Cadaxo	100\$00
Viúva de José Coelho	100\$00
Manuel Vaz	100\$00
José Bernardo das Neves	100\$00
Abílio Simões Correia	100\$00
Marcelino Coelho	100\$00
Sebastião Antão	100\$00
Manuel Agostinho	100\$00
José Lopes de Carvalho	100\$00
Manuel António Lopes	100\$00
João Calado Heliodoro	100\$00
Miguel Simões da Silva	100\$00
Armando Lopes Galhardo	100\$00
Abílio Simões Bernardo	100\$00
Maria da Nazaré	100\$00
Alberto Antunes Claro	100\$00
Domingos Albino Machado	100\$00
Miguel Henriques	50\$00
Manuel Lopes	50\$00
José Simões Bernardo	50\$00
Serafim Martins	50\$00
João Carmezim	50\$00
Augusto das Neves	50\$00
Anónimo de Pera	50\$00
Alberto da Encarnação Barata	50\$00
Diamantino Barata	50\$00
Adelino Lopes Cadaxo	50\$00
Alberto Fernandes	50\$00
Maria do Carmo	50\$00
Carlos Nunes	50\$00
Manuel Miguel das Neves	50\$00
Mário Barata	50\$00
José Maria Relvas	50\$00
Raul Lopes Antão	50\$00
José Lopes Ferreira	50\$00
Manuel da Silva Vaz	50\$00
Manuel Nunes	50\$00
Geraldo Tomás	50\$00
João Tomás	50\$00
Albano Lopes Antão	50\$00
Mário dos Santos Oliveira	50\$00

A FESTA A NOSSA SENHORA DA NAZARÉ E O SEU SIGNIFICADO PARA OS COENTRALENSES

Realiza-se nesta data a festa primaz da freguesia, em honra da Padroeira Nossa Senhora de Nazaré.

Nesta ocasião festiva o Coentral veste as suas melhores galas para dar o merecido relevo ao acontecimento que, aliás, não é novo, porque se repete todos os anos, mas se reveste de uma transcendência que só a alma pode sentir e compreender em toda a sua extensão.

A terra alinda-se em todos os seus aspectos: são as casas que surgem com suas paredes caiadas de novo; as ruas mantêm-se limpas, como é timbre do nosso povo; a própria Natureza colabora nesse aformoseamento com a verdura luxuriante dos milhais e a frondosidade dos castanheiros e dos carvalhos; no rosto de cada pessoa desenha-se um aspecto airoso e prazenteiro.

Ausentes da sua terra por implacável determinação do destino, os coentralenses que vivem fora aguardam ansiosamente esta data para até aqui se deslocarem, com o fim de viverem momentos de sã alegria com suas famílias e conterrâneos, assistindo aos festejos e, se possível, permanecendo algum tempo nesses lugares que lhe fazem do pas-

sado, portanto tão gratos ao seu coração. E aqueles a quem as obrigações da sua vida não permitiram que viessem, estarão presentes em espírito, confortados pela doce esperança de verem surgir essa oportunidade num futuro bem próximo, talvez no próximo ano.

DA SUA TRADIÇÃO

Segundo uma versão muito antiga, que desde criança nos habituámos a ouvir narrar, a imagem de N. S.ª de Nazaré que se venera na nossa Igreja aparecera um dia — há muitos anos — em plena Serra da Lousã, no local denominado: Pedra do Altar, a Vale dos Lobos, não muito longe da sede da freguesia.

Encontrada ali, talvez por pastores, e conhecido o facto na redondeza, fora então levada para a Lousã, no desejo de a colocarem na respectiva Igreja para adoração dos habitantes daquela terra.

Porém, pouco depois de a terem instalado num altar do seu tempo, os lousanenses verificavam, estupefactos, que a imagem havia desaparecido misteriosamente, sem poderem encontrar uma justificação para o sucedido; e, diligenciando na procura, vieram encontrá-la no mesmo local donde a haviam conduzido.

Levaram-na de novo para a sua Igreja e novamente a veneranda imagem desaparecia para surgir na Pedra do Altar, onde pela primeira vez fora vista. Repetira-se várias vezes esta tentativa até que, sem esperança de melhor êxito, acabaram os naturais daquela terra por desistir de conseguirem para a sua Igreja a sacrossanta imagem.

O povo do Coentral trouxera-a então para a colocar no altar-mor da sua Igreja. Desde essa data a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré ficaria definitivamente na Nossa Terra, onde, aliás, segundo reza ainda a tradição, a Virgem Senhora demonstrara desejo de permanecer.

Não obstante esta circunstância, o povo da Lousã, pela grande devoção que consagrava a N. S.ª de Nazaré, começara então por vir todos os anos ao Coentral auxiliar a fazer a festa. Isto teria durado algum tempo até que esse encargo ficou exclusivamente aos coentralenses. E, desde então, todos os anos em 15 de Agosto o povo da freguesia do Coentral vem fazendo a festa em honra da sua excelsa Padroeira.

Nesta data, portanto, cumprindo essa velha tradição, mais uma vez tem lugar os referidos festejos.

São mordomos este ano os nossos prezados conterrâneos Sr. Joaquim Dinis Pimentel e Manuel Alves Jr., que estão envidando os seus melhores esforços no sentido de o programa ser integralmente cumprido.

Tudo se conjuga para que assim suceda, mantendo os festejos aquela característica que os define: um bem vincado cunho de solenidade religiosa que impressiona verdadeiramente, não só os que vem de fora como mesmo aqueles que aqui nasceram e se acham, portanto, familiarizados com estas espontâneas manifestações de fé do bom povo da nossa terra.

Com efeito, quem o acompanhar de perto as várias cerimónias terá ocasião de constatar devidamente este facto. Mas é principalmente na procissão que essa circunstância mais se evidencia: quando esta inicia o seu percurso através das principais artérias da sede da freguesia, começa um desfile impecável de andores, de estandartes, de opas brancas e vermelhas que, sob o mais completo respeito, avança metódicamente.

O último andar do impressionante cortejo é o da Padroeira, que nos surge majestoso. São quatro os homens que o conduzem (este lugar tem sempre bastantes pretendentes, pelo que se adopta uma norma especial para o seu preenchimento).

Cumprem-se promessas de muitos devotos, a avaliar pelos valores depositados no andar, pelo número de fíéis que empunham velas acesas, pelas fogaças oferecidas e por tantas outras expressões de fé que nos é dado observar.

Não é portanto o número de diversões ou outros atractivos mundanos que vem imprimir grandiosidade aos nossos festejos. É sim, tão somente, o seu grau de religiosidade, o profundo respeito que se verifica, aquela devoção sincera com que todos participam: antes nos preparativos necessários à festa, agora na execução dessa mesma festa.

E ao falarmos da contribuição que é dada pelos habitantes da freguesia não podemos deixar sem uma referência especial o bom povo do vizinho lugar das Sarnadas que, embora sem pertencer a esta, está sempre disposto a colaborar na organização dos referidos festejos, contribuindo com a sua quota-parte para essa realização.

Não podemos ainda, ao tratar desta questão dos festejos, esquecer uma figura do nosso meio — o nosso estimado conterrâneo Sr. Joaquim Lopes de Carvalho — membro da Comissão do Culto e a cargo de quem se encontra, desde há anos, a manutenção dos bens da Igreja.

A actividade desenvolvida pelo Sr. Lopes de Carvalho tem-se mantido ininterrupta e, graças aos seus esforços, tem sido possível conservar a tradição, traduzida pelo carinho com que todos aceitamos os mais variados cargos que as instituições religiosas da nossa terra comportam.

Oxalá a sua vida se prolongue para que, em conjunto com os restantes membros da Comissão Fabriqueira, possa continuar a nobre missão de manter e elevar o prestígio da nossa terra e da sua gente.

Estamos, repetimos, em 15 de Agosto — dia da Festa de Nossa Senhora de Nazaré.

Que nesta data, em que surge pela primeira vez uma revista da Nossa Terra — «Coentral, Terra de Encantos» — marque o início de uma era de progresso para a Freguesia do Coentral. Que os coentralenses permaneçam unidos e bairristas como sempre. E, finalmente, que a Virgem Nossa Senhora de Nazaré, escolhida um dia por nossos antepassados para Padroeira desta freguesia, continue a ser a veneranda Protetora da Terra Coentralense!

ALVES BARATA

Adrião Barreto das Neves	50\$00
Abílio Lopes Galhardo	50\$00
Miguel da Silva	50\$00
Francisco Bernardo «Torgal»	50\$00
João Amaro Barreto	50\$00
José Henriques Miranda	50\$00
Artur Bento	50\$00
Arlindo Bento	50\$00
Domingos Francisco Miranda	50\$00
Roberto Simões Claro	50\$00
Joaquim Borges	20\$00
Manuel Miguel	20\$00
Manuel Henriques Alves	20\$00
Eduardo Nunes	20\$00
D. Lu. sa Gomes (da Frutaria Bristol)	20\$00
J. Figueiredo	10\$00
José de Brito	10\$00
João dos Santos	10\$00
TOTAL	24.930\$00

DÓLARES

José Maria Alves Neves	30
Manuel Lopes Caetano	10
Jesofina Lopes Caetano	10
Manuel Antunes Jr.	5
Ventura Barata	5
Manuel Antunes Teles	5
Joaquim Silva	5
Manuel Fernandes	5
Abel Carvalho	5
Manuel Simões	2
Franklin Amaro	2
Heitor Moreira	1
Francisco Martins	1
Maria Joaquina Correia	2
—	88

Ao câmbio actual de 28\$30, Esc. 2.490\$40

OS MERCADOS (Conclusão)

Dorme sim, mas um sono merecido que lhe dá novas forças para outro dia de trabalho.

MANUEL CARVALHO

N. R. — Nos mercados de Lisboa governam honestamente a sua vida pessoas de todas as localidades. Também o Coentral está ali representado. Na Ribeira, por exemplo, o Sr. Manuel Carvalho é um importante comerciante. Mandatário, este coentralense vende produtos vegetais, transportados de todos os pontos do país, pelas camionetas de que é proprietário.

Juventude e Império (Conclusão)

Assim, sentiremos a grandeza da doutrina e abrangeremos no espaço e no tempo o que é o imperialismo português.

Efectivamente, não nos podemos esquecer, antes deve a todo o momento recordar-se que o nosso território não se pode circunscrever a esta estreita faixa de terra espreitando o Atlântico, mas sim a um vasto aglomerado de terras que formam um todo unido pelas mesmas aspirações.

Império para nós, é uma realidade histórica que só foi esquecida quando as falsas ideias do espírito liberal tomaram o lugar

no pensamento dos políticos do século passado.

E terminamos, como começámos as nossas palavras — afirmando que o nosso Imperialismo não significa exploração nem opressão,

mas sim unidade política e espiritual que engloba mais de 20 milhões de portugueses espalhados pelas cinco partidas do mundo e dos quais neste momento, representamos uma célula viva.



Guardando o gado



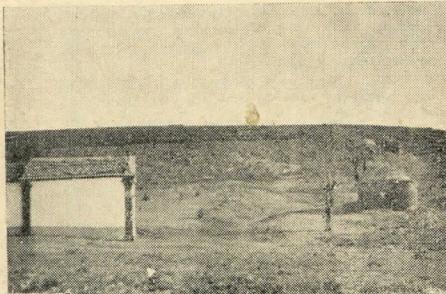
1



5



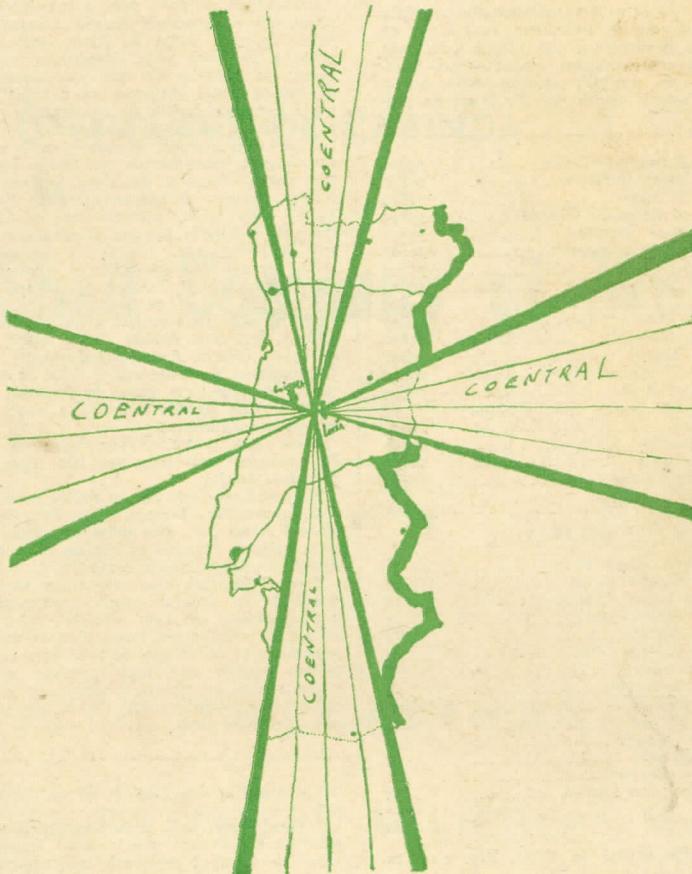
2



3



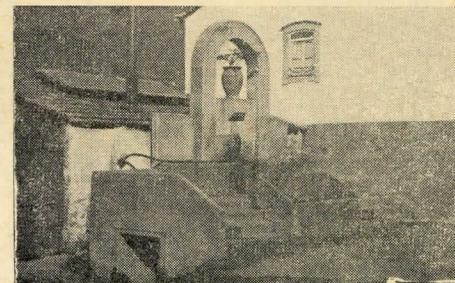
4



6



7

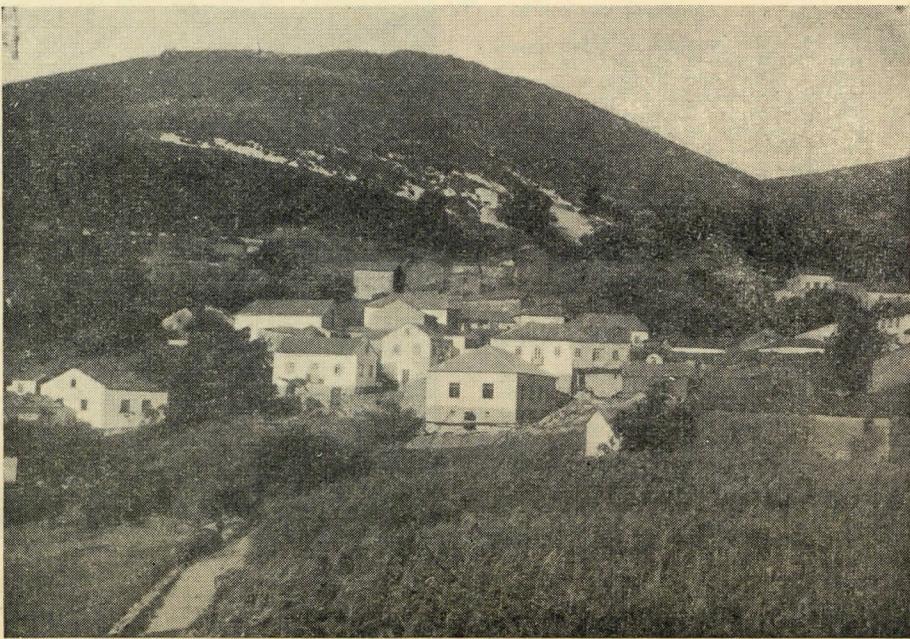


8

1 - 2 - 3 — Aspectos de
St.º António da Neve
(capela e poços)

4 - Coentral do Fojo

5 - Coentral Grande em dia
de neve



6 - Capela do lugar do Ca-
melo.

7 - Vista parcial do Ca-
melo

8 - Chafariz do Coentral
Grande

9 - Vista parcial do Coen-
tral Grande